



*desafiando estruturas*

mulheres na construção civil – capacitação e oportunidade

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,  
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Luiza Nascimento  
DESAFIANDO ESTRUTURAS: mulheres na construção  
civil - capacitação e oportunidade / Luiza Nascimento  
Gonçalves. -- São Carlos, 2019.  
108 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura  
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Mulheres. 2. Mulheres na construção civil. 3.  
Divisão sexual do trabalho. 4. Capacitação. 5. São  
José dos Campos. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229







# índice.

---

12 inquietações

24 análise do território

32 processos

38 referências

42 projeto

102 maquete

106 bibliografia

*inquietações.*



## MULHERES, MERCADO DE TRABALHO E A CONSTRUÇÃO CIVIL



1. mulheres trabalhando no 9º andar da Triangle Shirtwaist

Apesar de parte da população feminina já estar inserida há muito tempo nos setores produtivos da economia - principalmente quando se fala de mulheres negra -, foi somente nos anos 1970 que os estudos passaram a notar um crescimento mais significativo da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto em função da expansão econômica, industrialização e urbanização crescente, quanto pela insurgência dos movimentos feministas e crescente participação das mulheres na vida pública.

No entanto, ao analisar essa inserção e sua trajetória ao longo dos anos, percebe-se um mercado de trabalho de estrutura ocupacional segregada, de forma que as ocupações profissionais seguem de formas muito distintas para homens e mulheres, refletindo normas sociais e papéis de gênero.



Desde a pequena infância os estereótipos de gênero influenciam na criação e atuam na rotina das crianças, mesmo que indiretamente e inconscientemente. Para mulheres, essa criação patriarcal acaba resultando em limitações tanto para suas vidas pessoais quanto profissionais.

Enquanto espera-se e atribui-se ao homem funções qualificadas, que exigem técnica e estudo, as funções associadas à mulher são relacionadas aos seus atributos e aptidões inerentes à sua natureza (DAUNE-RICHARD, 2003; SOUZA-LOBO, 1991). A isso, Yannoulas chama de “qualificação tácita”, um conceito que implica não somente uma extensão dos rótulos sociais de gênero, como também configuram uma desvalorização das ocupações femininas e uma consequente diferença salarial, estando sujeitas a menores remunerações.

Em 2004, com a realização da Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (CNPMM), surgiu os Planos Nacionais de Políticas para Mulheres (PNPM), cuja intenção era incentivar o desenvolvimento e implantação de ações voltadas para a inserção de mulheres em áreas não tradicionais, a fim de diminuir as desigualdades de gênero e aumentar as oportunidades de trabalho para mulheres, pautada em princípios de igualdade, respeito, equidade e autonomia para as mulheres. No entanto, mesmo com a iniciativa e crescimentos de políticas públicas como o PNPM e os movimentos feministas ao longo dos anos, pouco se transformou na estrutura ocupacional.

Segundo o Plano Nacional de Políticas para Mulheres de 2011, 45% da população feminina estava concentrada nas áreas de educação, saúde, alimentação, serviços sociais, coletivos e pessoais e domésticos. O bserve-se uma concentração das mulheres em setores relacionados ao cuidado. O mesmo documento traz que 48% da população mas-

culina estava concentrada nos setores agrícola, industrial e de construção.

Essa clara divisão sexual do trabalho acarreta não somente em uma disparidade qualitativa, em que as ocupações masculinas são mais valorizadas em remuneração e prestígio, como também uma assimetria quantitativa, já que, para os homens, o número de possibilidades é maior, enquanto as ocupações femininas são limitadas.

Em aditivo à já explícita segmentação, observa-se também a baixa presença de mulheres em cargos de maior hierarquia.

Em conjunto, todos esses fatores compõem um cenário onde o acesso e a ascensão igualitária das mulheres dentro do mercado de trabalho é praticamente inviável.

Entende-se também que, para além da divisão sexual do trabalho, há outros fatores que prejudicam o seu acesso ao mercado de trabalho e desenvolvimento e ascensão na carreira, como a precariedade dos direitos reprodutivos e a violência de gênero.

No setor da construção civil, segundos os dados da Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho e Previdência Social, em 2018, a participação das mulheres no setor era de cerca de 9,86%, que, além de já ser mínima, sofreu uma decadência desde 2015. Um dos setores com menor participação feminina (0,89%), a construção civil ganha somente dos setores de serviços industriais para utilidade pública (0,39%) e extrativa mineral (0,12%).

Segundo dados do SEBRAE de 2019, o setor da construção civil movimenta mais de 70 setores da economia brasileira e representa 6,2% do PIB nacional. Ou seja, mesmo que constituindo mais de metade da população, em um dos setores que mais movimenta a economia, as mulheres tem participação quase insignificante numericamente.



*“Estou começando a ficar mais livre, pra ir trabalhar, para me cuidar, tenho mais tempo para mim! Tenho meu dinheiro. Eu me sinto muito mais empoderada! O curso foi muito importante para mim, porque eu me senti mais, mais mulher, mais tudo, podendo me ajudar e ajudar os outros”*

*“Agora eu me vejo uma mulher; antes eu não entendia nada, não sabia nada (...), ficava só em casa, fazendo faxina, agora eu me vejo como uma mulher que tem capacidade de fazer alguma coisa”*

*“Antes eu era uma pessoa medrosa, (...), tinha vontade de fazer, mas que sempre me vinha aquelas palavras: ah tu não pode, tu é mulher! Isso é coisa de homem! Depois do curso eu vi que posso o que eu quero, e vou conseguir. Então mudei bastante meu modo de pensar, meu modo de fazer as coisas”*

*“Fui tratada que o homem podia mais que a mulher, mas agora vejo que não, que a mulher pode tanto quanto o homem. Ou seja, eles não podem mais do que elas, podem tanto quanto. Precisamos disso para viver melhor”*

Os trechos foram retirados da pesquisa “Processo de empoderamento feminino mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil” de Maria Celeste Landerdahl, Letícia Becker Vieira, Laura Ferreira Cortes e Stela Maris de Mello Padoin. Nela, as autoras analisam as repercussões do programa de extensão Mulheres Conquistando Cidadania no cotidiano das mulheres participantes.

O estudo visava entender os impactos comportamentais gerados pela inserção de mulheres em atividades tradicionalmente vistas como masculinas. A pesquisa entrevistou 13 mulheres que haviam participado do curso, com idades entre 20 e 60 anos.

O “Mulheres Conquistando Cidadania” possuía cursos com dois eixos principais: técnico (ministrados pelo SENAI, abordavam assentamento de cerâmica e pintura predial interna e externa) e político (oficinas de saúde e cidadania).

O trechos destacados pelas autoras mostram o papel desses programas como importante instrumento para a construção de confiança nas mulheres. As próprias entrevistadas admitem uma mudança na sua postura e autopercepção, passam a confiar mais nos seus conhecimentos e habilidades, assim como adquirem convicção e poder de decisão.

Essas mudanças trouxeram um despertar de autoconhecimento e capacidade, bem como uma transformação na sua forma de pensar os papéis sociais de gênero - muito em função do próprio eixo político-teórico, com o qual puderam entrar em contato com mais informações e discussões sobre seus direitos como mulheres e cidadãs -. Ao estarem cientes dos seus direitos e das desigualdades tanto na construção civil quanto no mercado de trabalho, as mulheres demonstram um despertar sobre a importância de igualdades de gênero nos vários âmbitos da sua vida.

Ressalta-se a importância do curso como um instrumento profissionalizante e que, ao abordar diferentes eixos, instiga e proporciona um ensino que desenvolve senso crítico. Nas falas das entrevistadas é possível perceber esse senso crítico que aflora, as mulheres usam expressões de valorização, confiança, poder de decisão sobre sua vida, igualdade de direitos, superação etc.

As autoras apontam, assim, um processo de despertar de interesse dessas mulheres pela busca dos seus direitos e da construção de auto confiança, além de um ambiente feminino positivo, que trouxe não somente uma autorreconhecimento das mulheres, mas também o incentivo a relações de amizade, empatia, solidariedade e aprendizado mútuo.





MULHERES GANHAM 10,5% A  
MENOS DO QUE OS HOMENS  
NA MESMA FUNÇÃO

SOBREGARREGADAS, OPRIMIDAS, A  
... O TDA... HO PREC...



Não é preciso muita pesquisa para saber das segregações às quais as mulheres estão sujeitas, no entanto, ao quantificá-los em dados reais e numéricos, a estatística é assustadora, revoltante e impossível de ignorar. Assim, a proposta parte dessa inquietação, de um desejo de mudança e da ciência do impacto da inserção feminina nesse setor.

Para além das questões financeiras, em uma sociedade patriarcal e em um país que está entre os que mais mata mulheres no mundo, possuir uma renda própria, para mulheres, pode significar liberdade, livre arbítrio e uma alternativa.

Como os exemplos citados anteriormente mostram, programas que inserem mulheres em lugares nos quais não são usualmente alocadas podem trazer um despertar de consciência, cidadania e confiança para elas. Para além do despertar pessoal, indentifica-se também o desenvolvimento da capacidade de criar um ambiente de relação saudável entre mulheres. Quando identificam e conhecem mulheres em situações semelhantes às suas e, às vezes, até mesmo pior, gera-se identificação, de forma que entendem a necessidade de apoiar e ajudar umas às outras, montando a base para a construção de redes de apoio e para uma cultura de sororidade.

A capacitação de mulheres na construção civil é, assim, uma forma de desafiar as estruturas sociais impostas pela sociedade desde a infância.

Intenciona-se também trazer para o projeto discussões sobre o setor civil para que o próprio projeto seja um instrumento de ensino, desde o material até o canteiro de obra.

Assim, o objetivo principal é garantir autonomia e oportunidades para essas mulheres, compartilhando conhecimentos que auxiliem na construção de um saber voltado a práticas mais conscientes, para que elas consigam usar esse conhecimento não somente nas suas próprias casas, como também garantir uma possibilidade de atuação profissional com mais autoconfiança.

*análise do território.*



São José dos Campos, hoje com uma população residente de 697.054 pessoas (IBGE, 2022), encontra-se no estado de São Paulo, na microrregião do Vale do Paraíba. Localizada no eixo Rio-São Paulo, a cerca de 90 quilômetros da capital.

Município de urbanização relativamente recente, sempre teve renda muito atrelada ao setor industrial, e desde 1920, possui políticas para atração de investimento de empresas. Assim, sua expansão urbana foi súbita, caracterizada pela concentração de renda, riqueza e desigualdades socioespacial que se espelhou nas dimensões territoriais (RESCHILIAN, SILVA, MACIEL, 2020).

Nesse cenário que gerou um crescimento intenso das demandas por habitação, crescem as favelas e “loteamentos irregulares”.

"Cidade da tecnologia e da inovação",

com indústrias nas áreas de aeroespacial, automobilística e bélico, São José dos Campos é, na verdade, um município de muita desigualdade. Com um IDHM de 0,807 (IBGE, 2010), no entanto, possui alto índice de desigualdade social (0,175) (BORGES, 2004).

Segundo o estudo de Luciana Suckow Borges, em 2004, cerca de 171 mil pessoas viviam em condições consideradas entre “crítica” e “muito crítica”, e 31,34% dos moradores viviam em setores com más condições de domicílio.

Identifica-se a concentração de população de baixa renda nos setores sul e leste do município. Nesse cenário ainda se configuram os bairros irregulares, no qual a maioria dos moradores apresenta perfil de renda baixa, em especial nos bairros Águas de Canindú (Zona Norte), Santa Inês (Zona Leste), Rio Comprido (Zona Sul) e Banhado (Centro) (RESCHILIAN, SILVA, MACIEL, 2020).





Originalmente, a área em questão era terreno privado de uma empresa internacional. Após permanecer sem uso por muitos anos, na década de 60, começou a sua ocupação que resultaria na conformação do bairro Rio Comprido.

Separado por um rio (Rio Comprido, afluente do Rio Paraíba do Sul), o grande terreno se dividiu em dois bairros: Rio Comprido do município de Jacareí e Rio Comprido do município de São José dos Campos.

Apesar do mesmo nome, das características semelhantes e da conexão por uma grande rua de terra (Rua São Paulo), os dois bairros, são bem separados. Assim, o bairro de São José dos Campos insere-se próximo a dois outros grandes bairros, o Rio Comprido de Jacareí e o Chácaras Reunidas de São José.

Segundo o censo demográfico do IBGE de 2010, o bairro de São José dos Campos possuía 2.385 moradores, 659 residências e renda média mensal dos moradores de um salário mínimo.

Apesar da sua lei de regularização datar de 2008, até agora, pouco foi feito pelo bairro, assim como não se efetivou nem a titulação nem a reurbanização.

Apesar de pouco auxílio público, o bairro se consolidou, muito pela própria cultura dos moradores e das suas iniciativas de regularização. Foi pelo movimento interno que hoje contam com uma escola de ensino fundamental. No entanto ainda carece de demais infraestruturas, como postos de saúde, comércios e escolas que abranjam outras faixas etárias. Identifica-se também muitas habitações em locais de vulnerabilidade geológica.

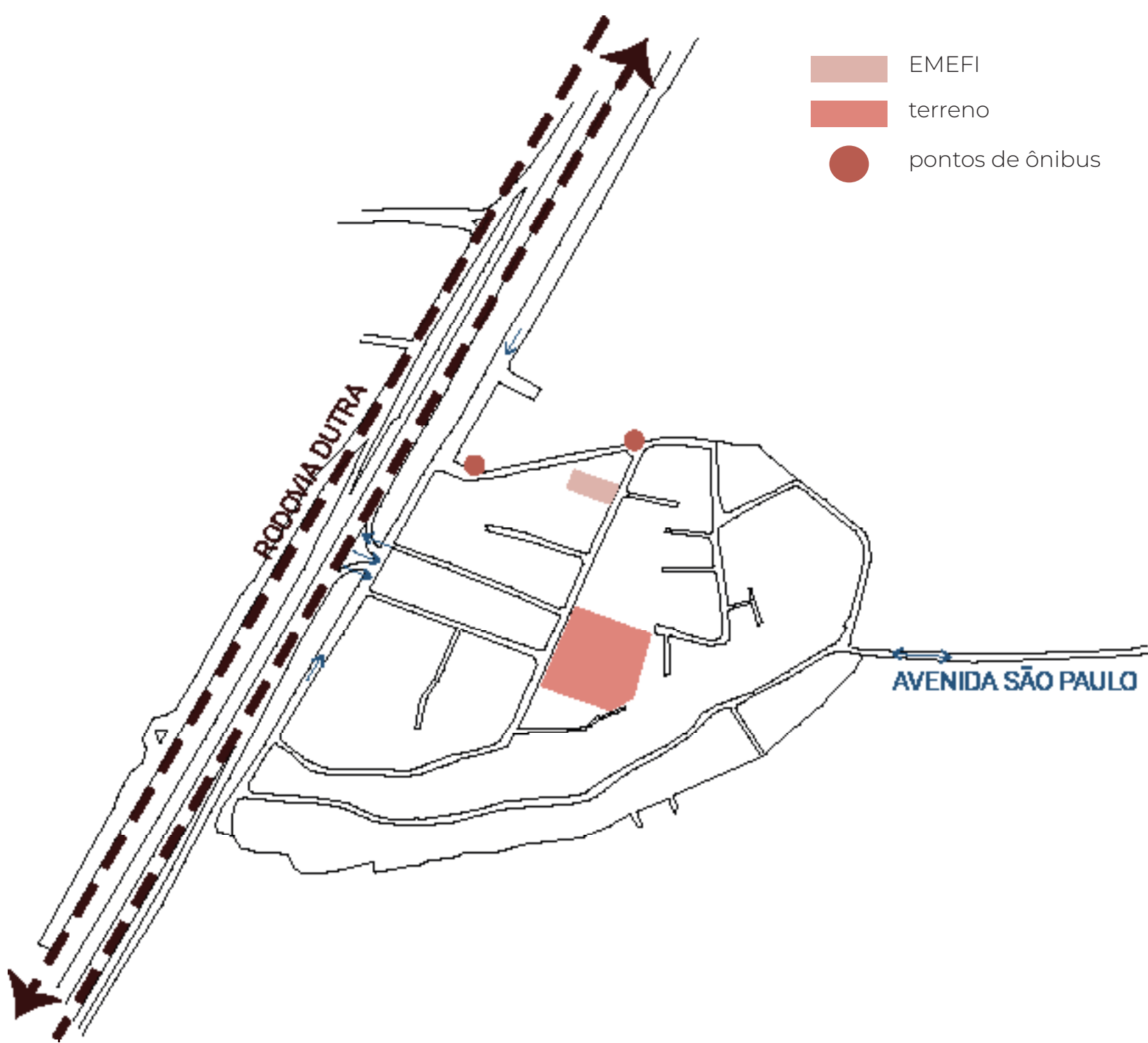
Em conversa com uma moradora do local identificou-se também a situação precária das mulheres do bairro. Impossibilitadas de trabalhar, tanto por ausência de qualificação quanto por, principalmente, responsabilidades com os filhos, muitas mulheres se encontram em relacionamentos abusivos e problemas com substâncias ilícitas.



# TERRENO: “CAMPINHO”

Localizado em no centro do bairro, o terreno de cerca de 8.000 metros quadrados chamado pelos moradores de “Campinho” é amplamente utilizado pelos moradores como um espaço público, principalmente pelas crianças que usam o “campo de futebol” delimitada no solo do terreno.

No trabalho “O debate do espaço público nas periferias: uma experiência de cartografia social com as crianças do Rio Comprido - São José dos Campos (SP) feito pelos estudantes da Universidade do Vale do Paraíba Renata Lisboa Faria, Karina Maine Gomes, Letícia Leite de Souza Machado, Marina Cyrino Forti, Fabiana Felix do Amaral e Silva, foi organizado uma oficina com as crianças do bairro, afim de entender quais as demandas principais que eles sentiam para a área. As principais demandas identificadas foram a de espaços públicos qualificados como áreas de lazer e esporte, parquinhos e presença de elementos naturais, como árvores, por exemplo.





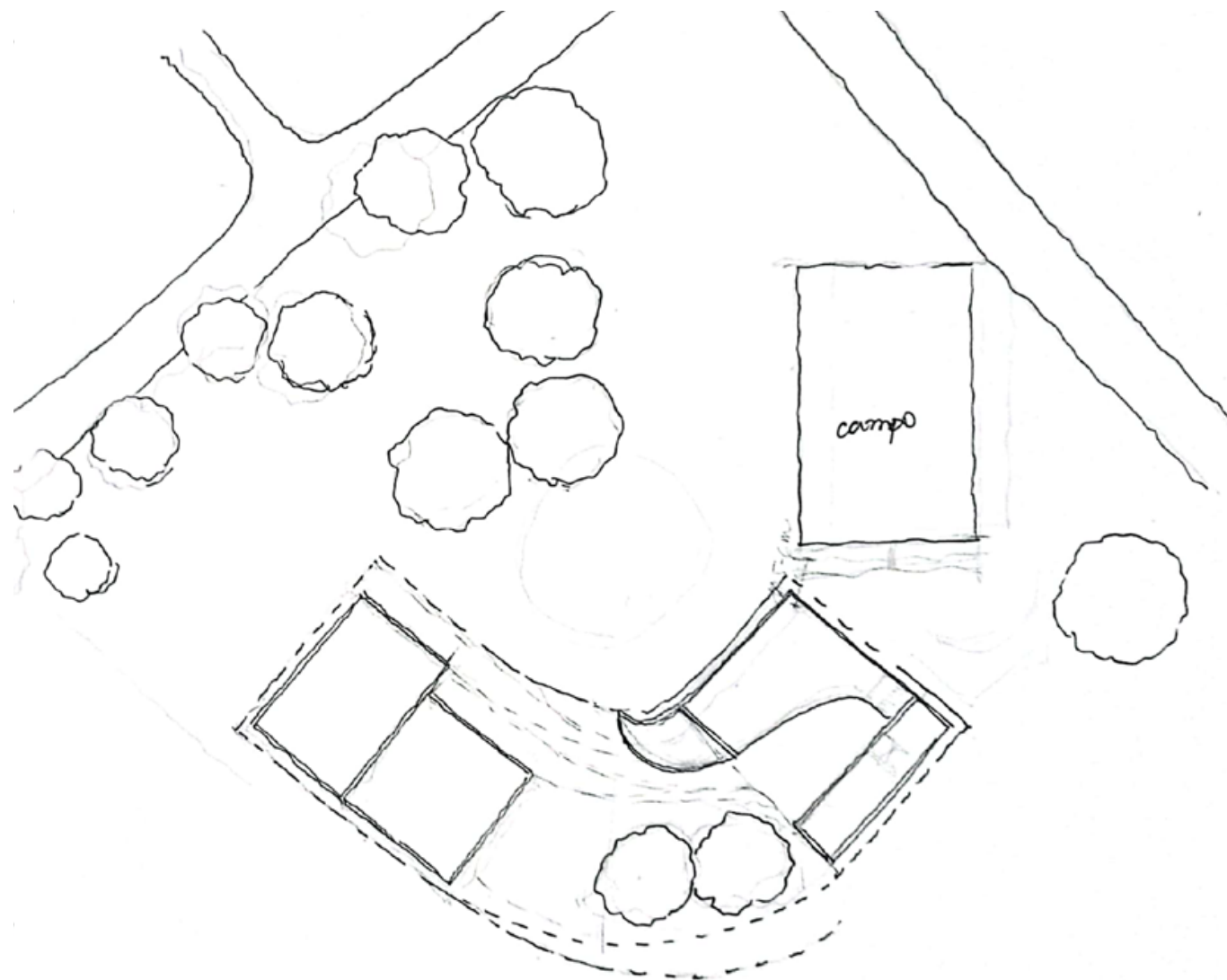
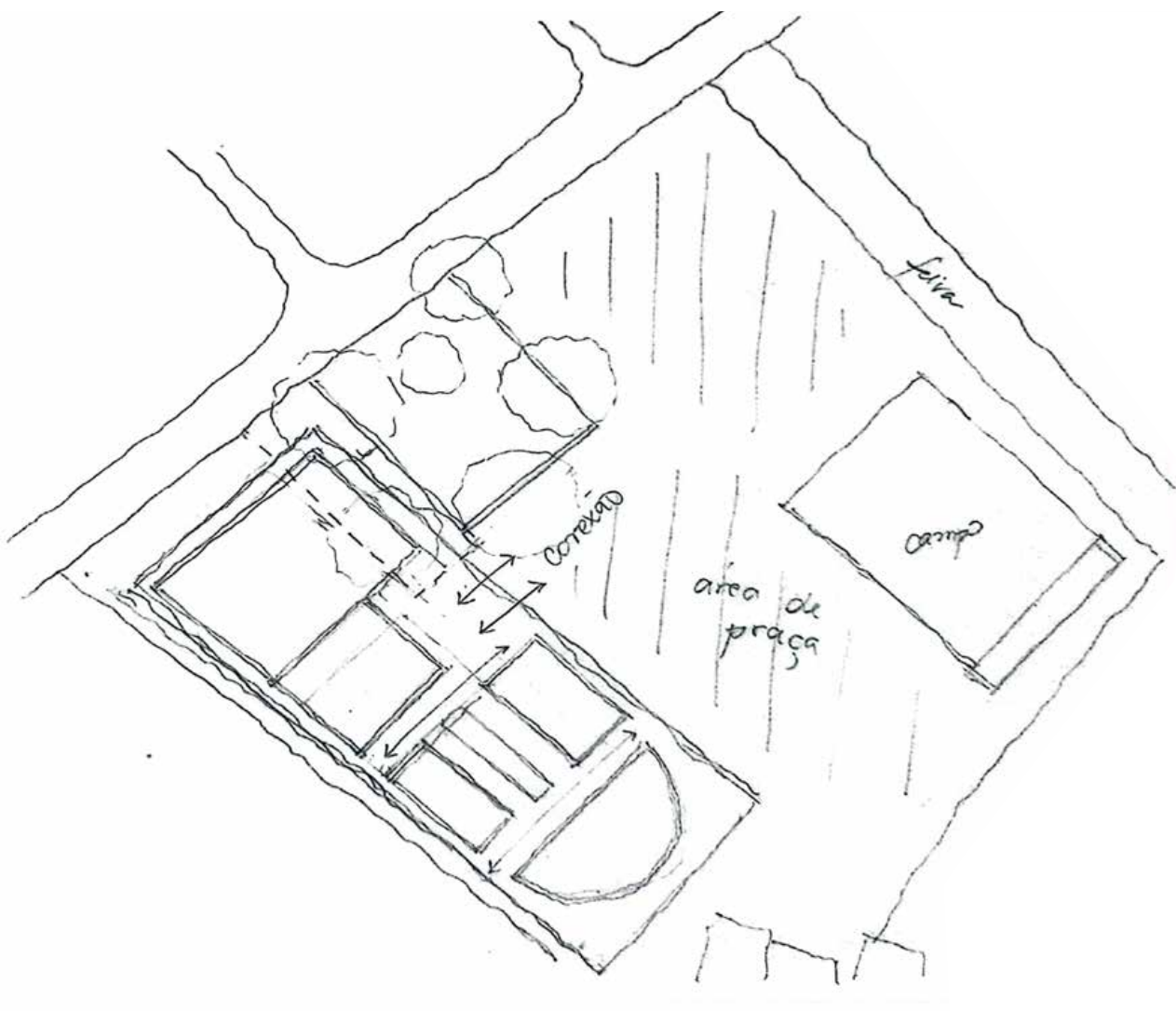
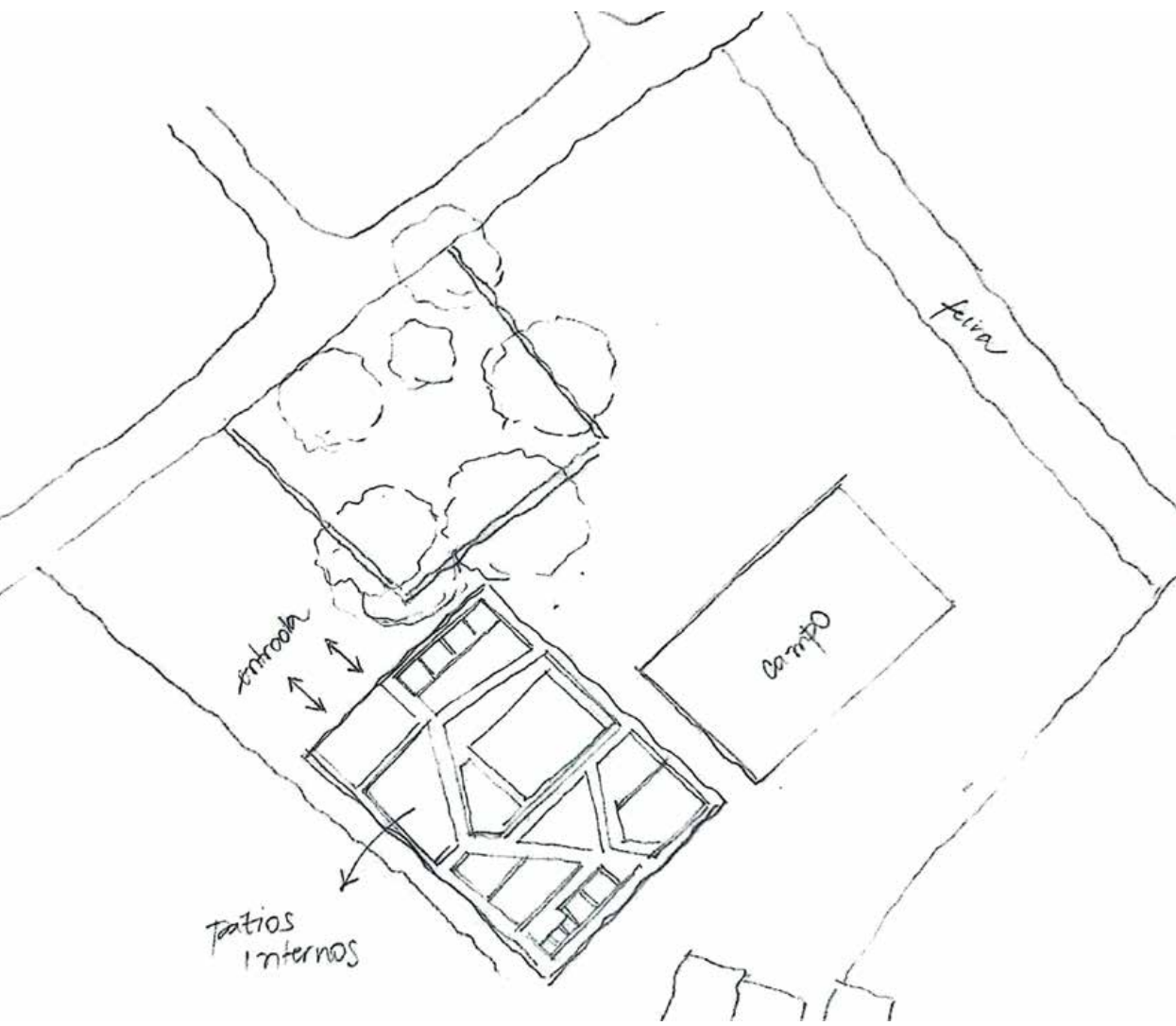
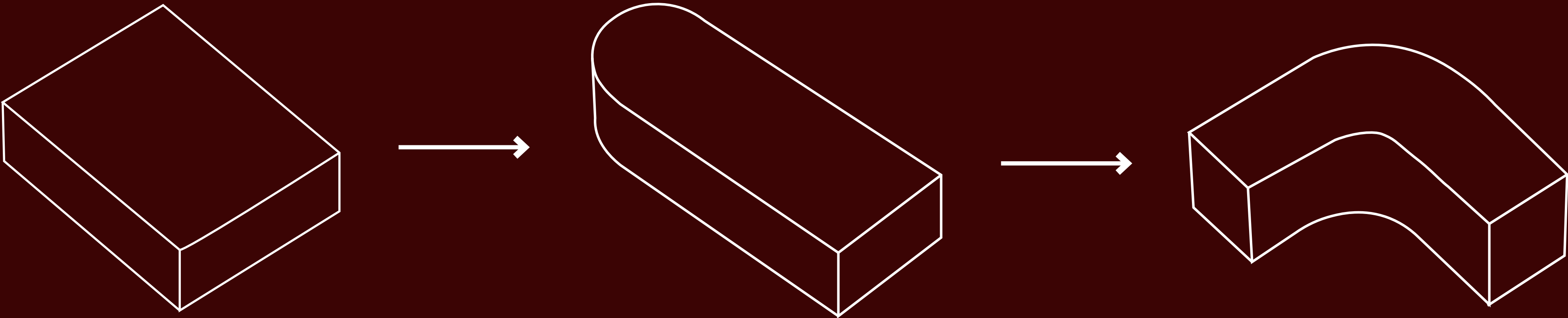
*processos.*

FORMA: ACOLHIMENTO E RELAÇÃO COM ENTORNO

A proposta inicial era de um edifício quadrado fechado em si, todos os cômodos estariam voltados para o interior em pátios internos. Visava conformar um interior acolhedor, no entanto, se posicionava alheio ao entorno, de forma que a proposta ia em contramão ao caráter público do terreno.

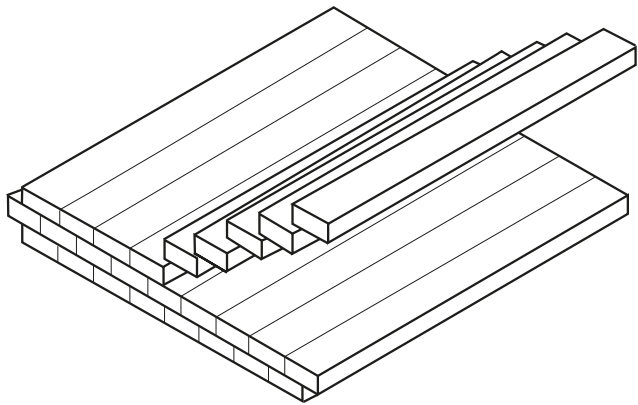
A segunda proposta, mais aberta para o terreno, possuía forma retangular e uma das extremidades arredondada. Com uma permeabilidade maior, seus cômodos possuíam aberturas para a praça, visando respeitar o caráter público do terreno e se integrar ao entorno, no entanto seu formato rígido segmentava o terreno.

A última proposta incrementa a segunda ao que, da mesma forma que possui permeabilidade, seu formato curvo traz a ideia de um edifício que abraça a praça. A implantação também é pensada levando em consideração a vegetação existente, de forma que visa preservar as árvores locais e sua cobertura se sobrepõe a duas árvores na parte posterior do terreno, de forma que interior e exterior se confundem



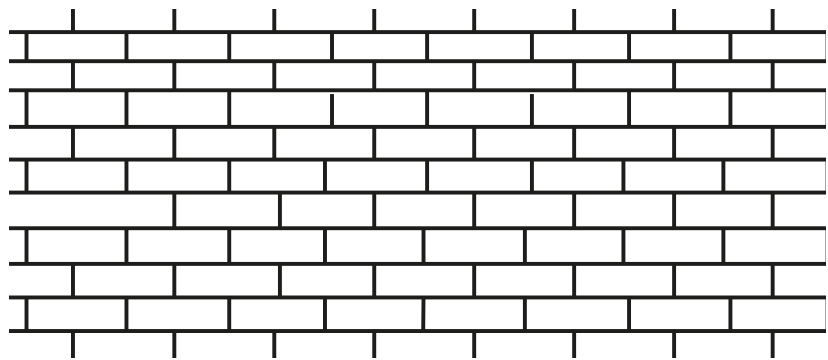
A escolha de materiais partiu da ideia de que o prédio não é somente um espaço de aprendizado e cursos, mas também visa acolher e ser um ambiente de refúgio e segurança para essas mulheres. Assim, a materialidade foi escolhida para que o prédio fosse um objeto de ensino, trazendo técnicas construtivas tradicionais e técnicas inovadoras em ascensão, ao mesmo tempo que ativam sensações de conforto, unindo os dois propósitos principais do projeto.

MADEIRA



Foram muitos os benefícios listados para a escolha da madeira como um dos materiais componentes do prédio. Sua **estrutura** é feita por **madeira engenhadeira** (vigas e pilares em MLC, lajes em CLT) e **vedações** internas do segundo pavimento são em **woodframe**. Não somente pelos benefícios ambientais (como um material de baixa emissão de poluente), a madeira é um elemento que comprovadamente auxilia em sensações de **bem-estar** e em ambientes de aprendizado. Além disso, a madeira engenhadeira é uma tecnologia muito inovadora que vem crescendo, de forma que sua aplicação no prédio é atrativo também como forma de ensino de novos métodos construtivos.

TIJOLO MACIÇO



Utilizado para **vedação** do térreo e das paredes externas do segundo pavimento, o tijolo maciço foi escolhido a fim de trazer familiaridade e **aconchego** ao projeto, com sua textura e cores mais quentes. Aliado a esses fatores, foi um atrativo o caráter comum desse material nas construções brasileiras, de forma que o prédio serve como aprendizado também para métodos construtivos mais tradicionais.



*referências.*



## REFERÊNCIAS PROGRAMÁTICAS

### ARQUITETURA NA PERIFERIA

Principal inspiração para o trabalho, o projeto visa a melhoria da moradia para mulheres da periferia, por meio de um processo onde elas são apresentadas às práticas e técnicas de projeto e planejamento de obras e recebem um microfinanciamento para que conduzam com autonomia e sem desperdícios as reformas de suas casas. Tem como missão Produzir e coletivizar informação e conhecimento fortalecendo vínculos comunitários por meio do protagonismo da mulher em toda a sua diversidade.

### MULHER EM CONSTRUÇÃO

Além da qualificação técnica, são ministradas aulas de português, matemática, leitura e interpretação de projetos, além de organização do trabalho, noções sobre empreendedorismo, segurança do trabalho a fim de suprir as demandas da baixa escolarização. Possui módulos comportamentais, quando se discute sobre as relações de gênero, no qual trataram sobre legislação aplicada ao trabalho das mulheres, Lei Maria da Penha, noções sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho e a construção da autonomia, bem como noções sobre saúde da mulher.

### FAZENDINHANDO

Projeto de Ester Carro, O Movimento Fazendinhando com seu projeto Fazendeiras (destinado a mulheres com mais de 18 anos moradoras do Jardim Colombo), busca minimizar as consequências econômicas e sociais na comunidade por meio da Gastronomia, da Construção Civil e do Artesanato.

### ELA NA OBRA

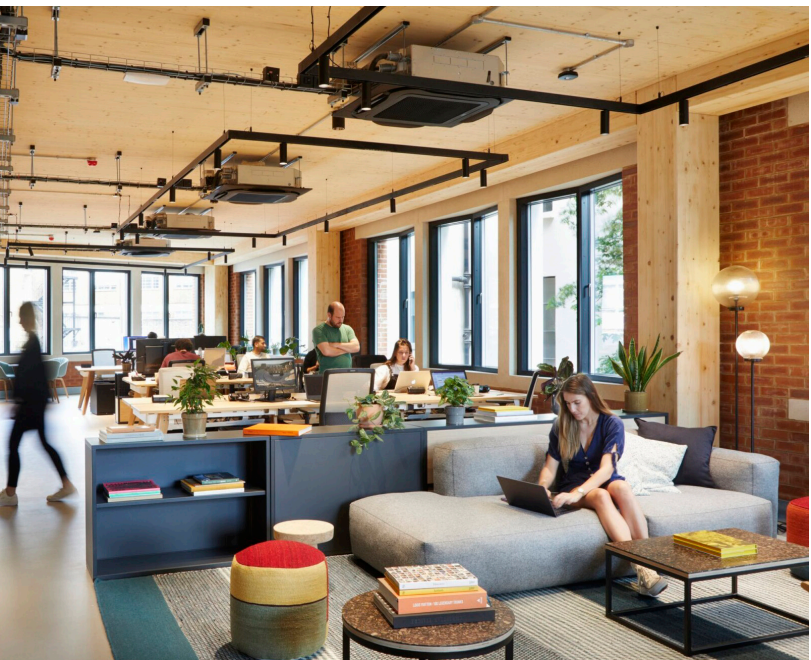
Promover a transformação social de mulheres cisgênero, trans e lésbicas para que possam melhorar a sua qualidade de vida, ter uma habitação digna e conquistar autonomia financeira. Aliadas à luta de pessoas LGBTQIA+, buscam combater a violência ocm enfoque nas discriminações de gênero no ambiente de trabalho.

## REFERÊNCIAS PROJETOAIS

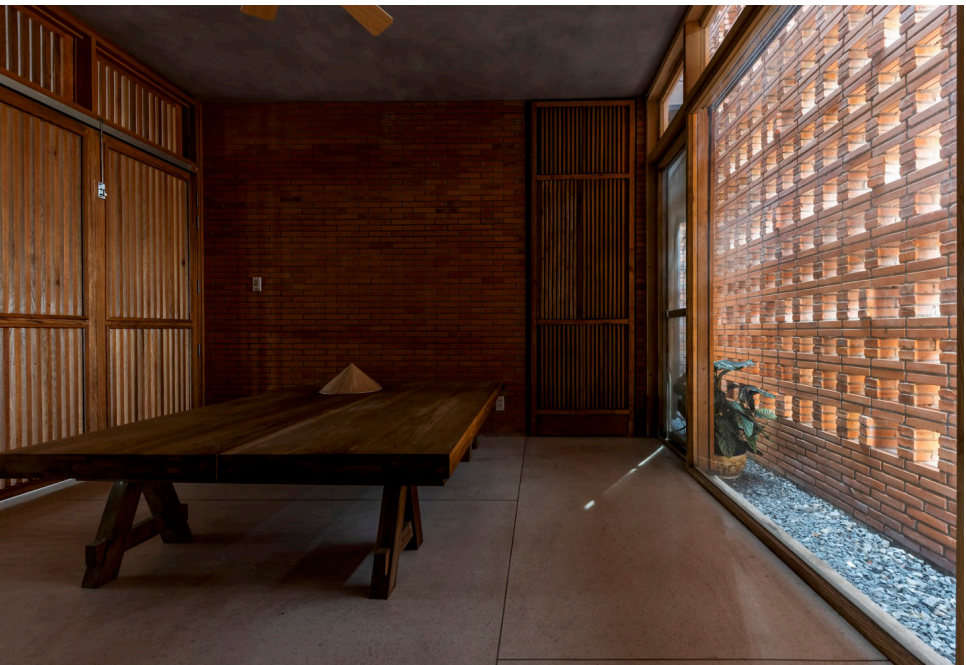
As principais referências projetuais trazem principalmente a escolha de materiais, de forma que inspiram na harmonia entre a alvenaria de tijolo maciço e a madeira como elemento estrutural ou de vedação. O projeto da Casa Nhà Bè foi norteador para as escolhas para os ambientes internos, mas os três trazem a relação e aconchego que visa se atingir.



CASA ADRIANA, Fittipaldi Arquitetura



THE DEPARTMENT STORE STUDIOS/SQUIRE&PARTNERS, Squire&Partners

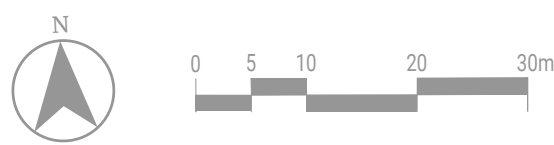


CASA NHÀ BÈ, Tropical Space



*projeto.*

# PLANTA DE SITUAÇÃO



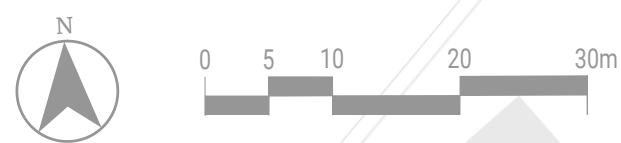
Dado o uso público do terreno já bem consolidado entre os moradores do bairro, o projeto buscou respeitar e manter esse caráter na intervenção.

As análises de território mostraram que a área inferior do terreno não tem suas potencialidades aproveitadas completamente, enquanto a área superior tem o maior acesso e utilização. Assim, optou-se por alocar a implantação do edifício na parte inferior, a fim de conferir melhor aproveitamento do espaço, assim como garantir a manutenção do espaço público e melhor disposição de usos para a área de praça.

Para isso também, foi sugerida a realocação da habitação privada existente no terreno, a fim de maximizar o caráter público e abranger o acesso principal sendo feito inteiramente sem interrupções pela rua principal (Rua Esperança).



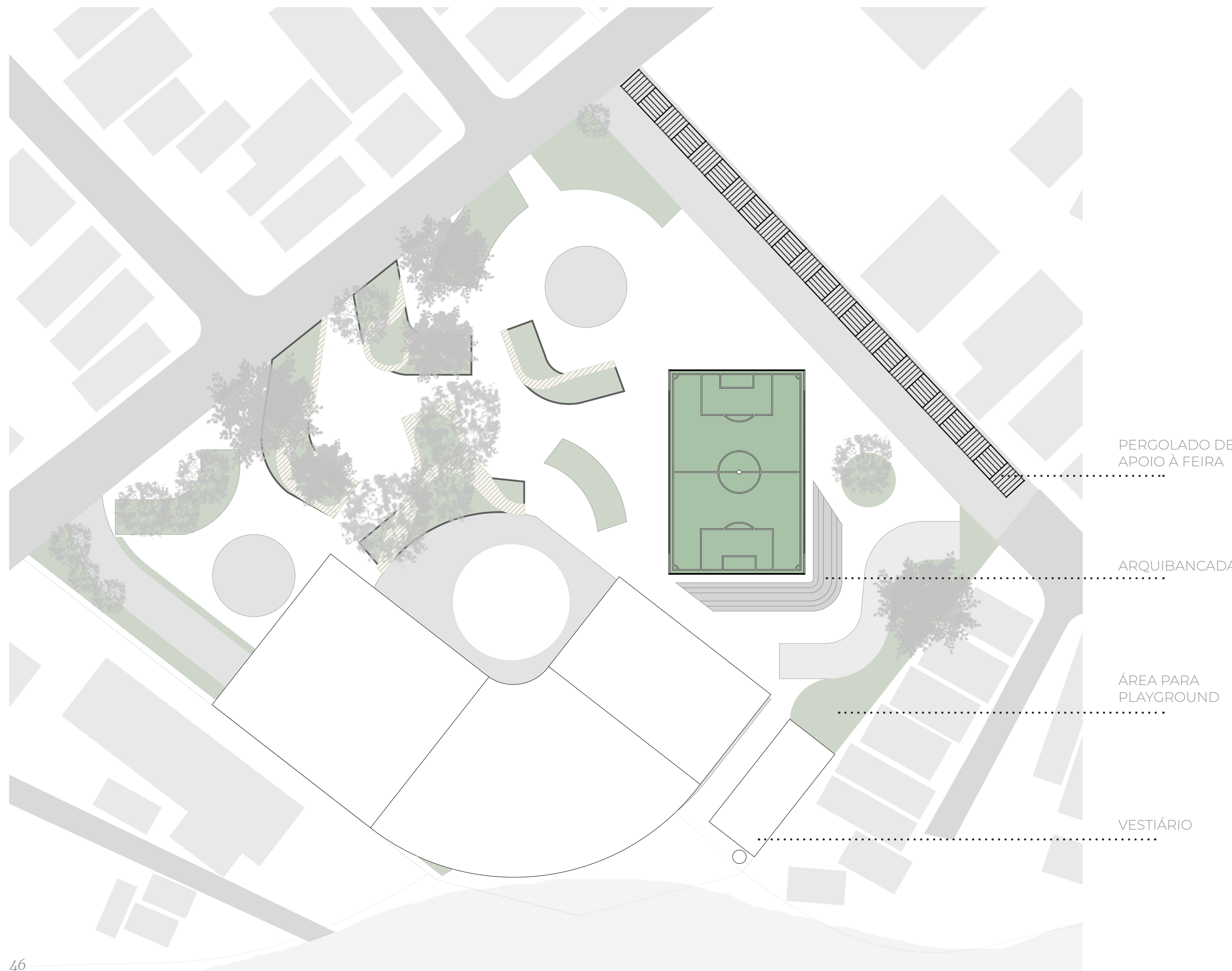
# IMPLANTAÇÃO



# PRAÇA



0 10 20 40 60m



Apesar de ser amplamente usado pela população, o terreno é um espaço não qualificado. Atualmente conta com um “campo de futebol” delimitado no solo e dois gols, um em cada extremidade.

Além do campo, na rua de terra que faceia o terreno, na qual não se passam carros, os moradores construíram uma tradição de colocar barraquinhas para vender seus produtos, principalmente aos finais de semana.

O terreno também conta com uma grande quantidade de árvores, sendo, a maioria delas, na região onde se localizava a casa que foi realocada.

Assim, a proposta de projeto para a área subjacente à construção parte, antes de tudo, dessas três pré existências.

O campo de futebol foi rotacionado para alinhar-se à orientação norte-sul para maior conforto em relação à incidência solar. Ele contará com uma delimitação mais precisa e uma arquibancada. Seu novo posicionamento resultou em uma área que será aproveitada para fazer um espaço de playground. Para suporte, foi instalado também um vestiário no canto inferior direito do terreno, próximo ao prédio.

A rua de terra será transformada em um espaço de feira, com piso de pedra e um pergolado para abrigar as barraquinhas. A intenção é que os espaços da praça próximos à ela tenham fluidez e se conectem.

Para aproveitar a localização das árvores, foram feitos canteiros, sendo alguns mais altos para alocação de bancos, no entanto posicionou-se alguns canteiros baixos além das árvores para ampliar a área permeável e os usos da população.

No centro do terreno foi delimitado um espaço por diferenciação de piso. Pela observação do terreno, esse espaço já é hoje levemente delimitado, de forma que a intenção da proposta é acentuar a delimitação e o caráter de centralidade (física e cultural) para a realização de eventos e encontros.









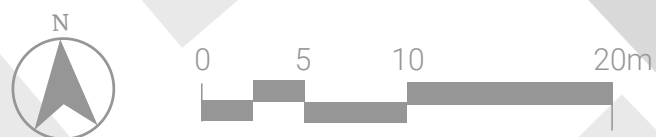






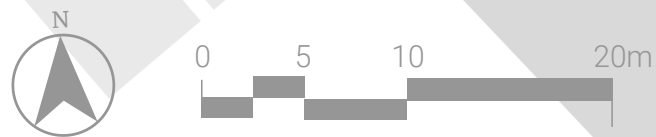


PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR





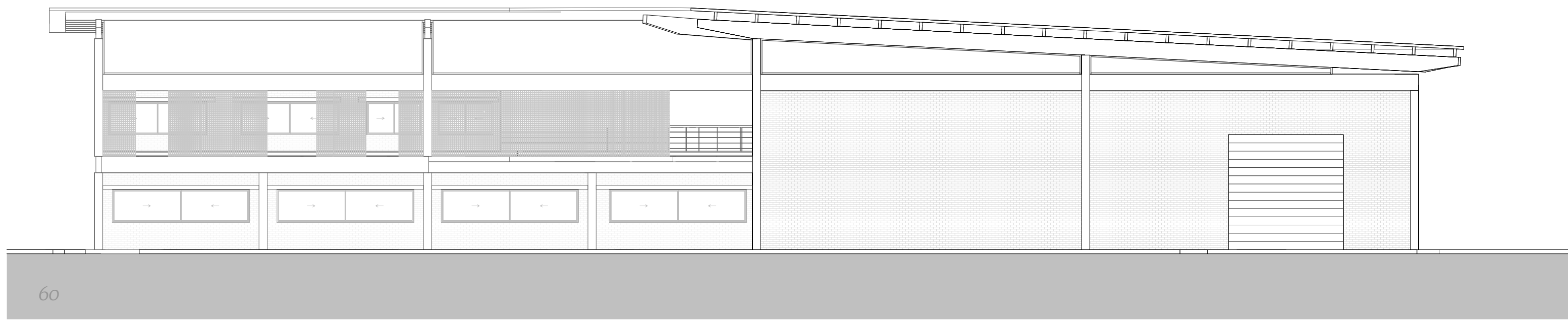
PLANTA COBERTURA



# ELEVAÇÃO FRONTAL



# ELEVAÇÃO LATERAL ESQUERDA



Nas fachadas frontal e posterior foram instalados painéis de cobogó de madeira a fim de maximizar ventilação e, em casos do galpão construtivo, por exemplo, vedar sem cessar completamente a visão e a iluminação.

Nas salas teóricas, onde há necessidade de maiores iluminações, os painéis são folhas móveis deslizantes.



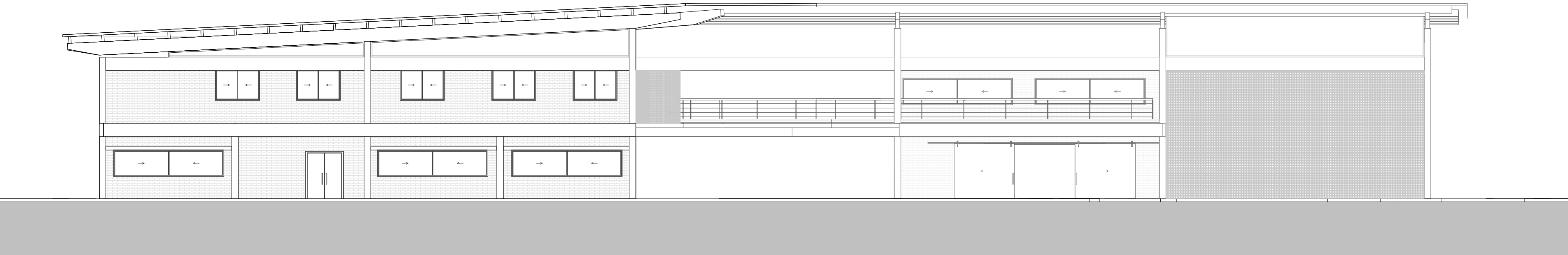




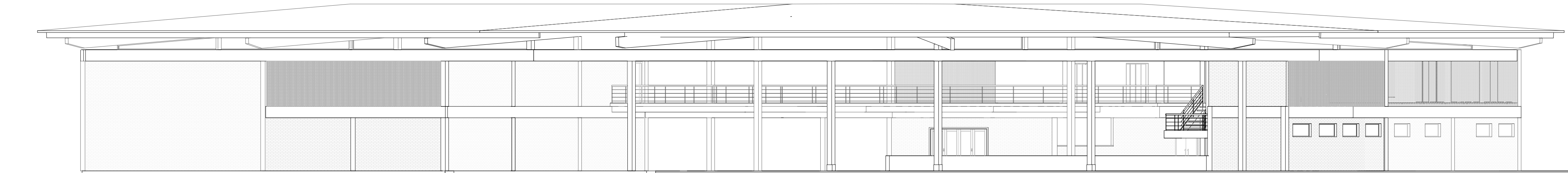




# ELEVAÇÃO LATERAL ESQUERDA

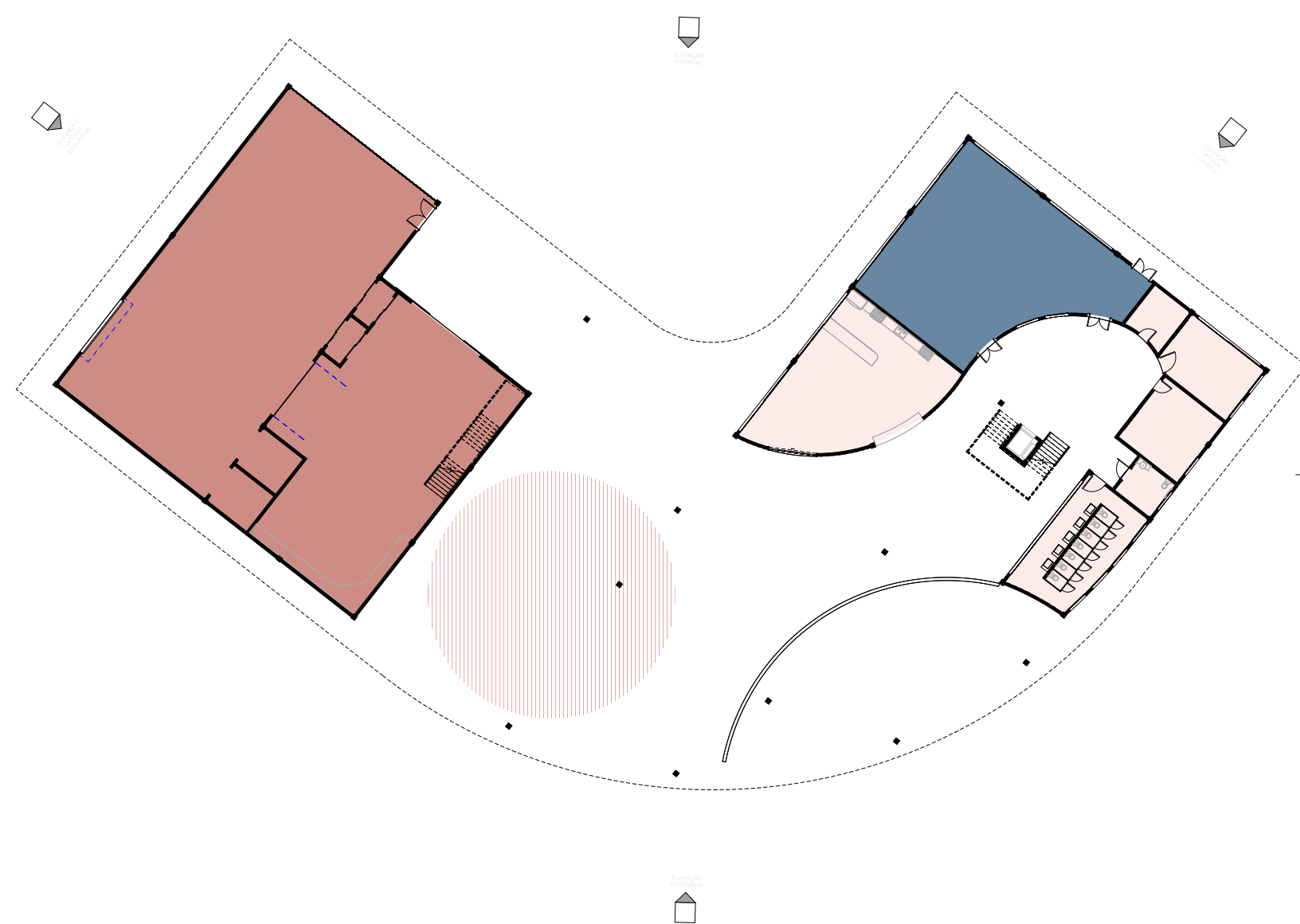
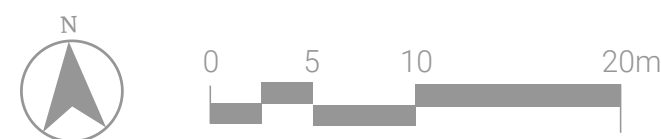


# ELEVAÇÃO POSTERIOR

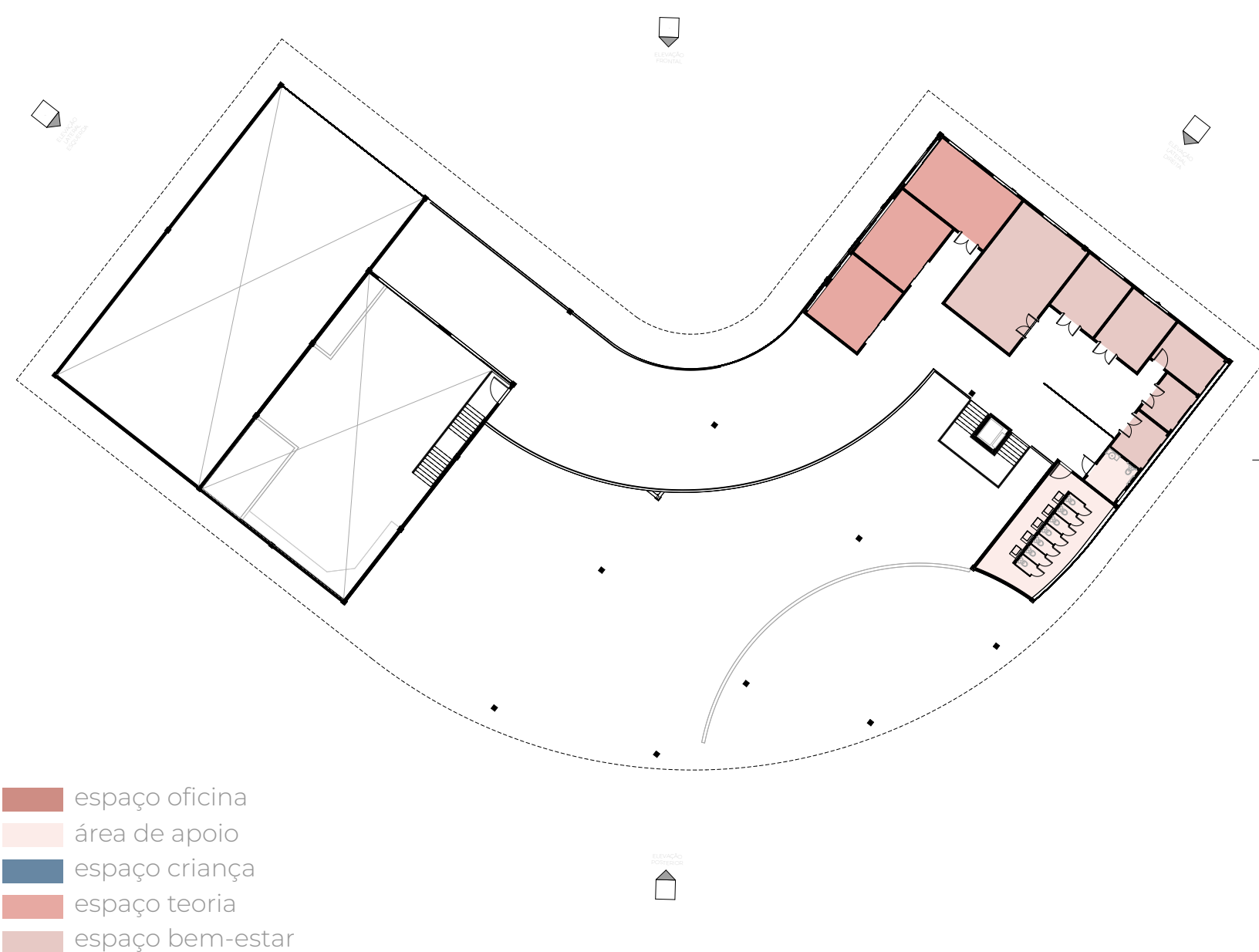




## EIXOS CONCEITUAIS - TÉRREO



## EIXOS CONCEITUAIS - PAVIMENTO SUPERIOR



A fim de melhor abranger todas as necessidades da proposta e das mulheres do bairro, foi pensado em três eixos principais que nortearam inicialmente o programa e a própria concepção do projeto. São eles:

## ESPAÇO OFICINA

Ambientes espaçosos para os momentos mais práticos do curso ou de oficinas específicas, que demandem espaço.

**Oficina** - ambiente espaçoso, que conte com ferramentas mais complexas.

**Galpão construtivo** - espaço reservado para momentos de ensino de práticas mais pesadas e que demandem mais espaço do que o laboratório é capaz de oferecer.

O espaço oficina foi pensado exatamente para abarcar a dimensão prática e vivência de canteiro pouco abordada nos programas de profissionalização estudados.

## ESPAÇO TEORIA

Espaço para cursos e workshops teóricos ou, caso seja necessário, práticas que demandem menores espaços e o uso de ferramentas menos complexas. Conta com as salas teóricas e o pátio central que pode abrigar maiores eventos.

Esses ambientes são para receber aulas de caráter técnico e os cursos e debates de caráter sócio-político.

## ESPAÇO BEM-ESTAR

Ambientes pensados para apoio psicológico, descanso e ambientes aconchegantes para estar. Conta com pequenas salas individuais

para meditação ou momentos de introspecção(salas de introspecção), salas de psicólogas e uma sala de apoio para caso haja dinâmicas ou exercícios a serem feitos em conjunto, como meditações, yoga etc.

O projeto do espaço bem-estar parte do princípio de que mulheres são constantemente atacadas na sociedade e que isso pode se intensificar quando entram em espaços dominados por homens. Assim, a área foi pensada com o propósito de atuar como um respiro para essas mulheres aliviarem as pressões e opressões do dia a dia.

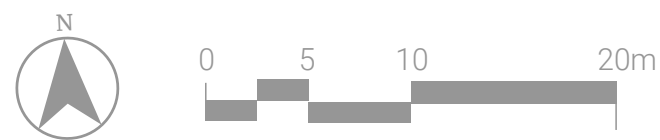
No entanto, nos levantamentos de caso e estudo do território, uma quarta área foi apontada como essencial para o funcionamento desse edifício: Além das áreas de serviço, o projeto também conta com um **ESPAÇO CRIANÇA**.

Quando se discute a questão feminina, principalmente a inserção em ambientes de trabalho, é intrínseco a questão dos filhos. São muitas as mulheres que não conseguem trabalhar ou se profissionalizar por ter o compromisso diário e constante de cuidar dos filhos. Assim, o espaço vem como uma forma de suprir essa necessidade, garantindo segurança para mãe e para as crianças.

Ressalta-se que a intenção do espaço não é atuar como creche, mas sim um lugar de suporte para que essas mães consigam realizar suas atividades e trabalhos.

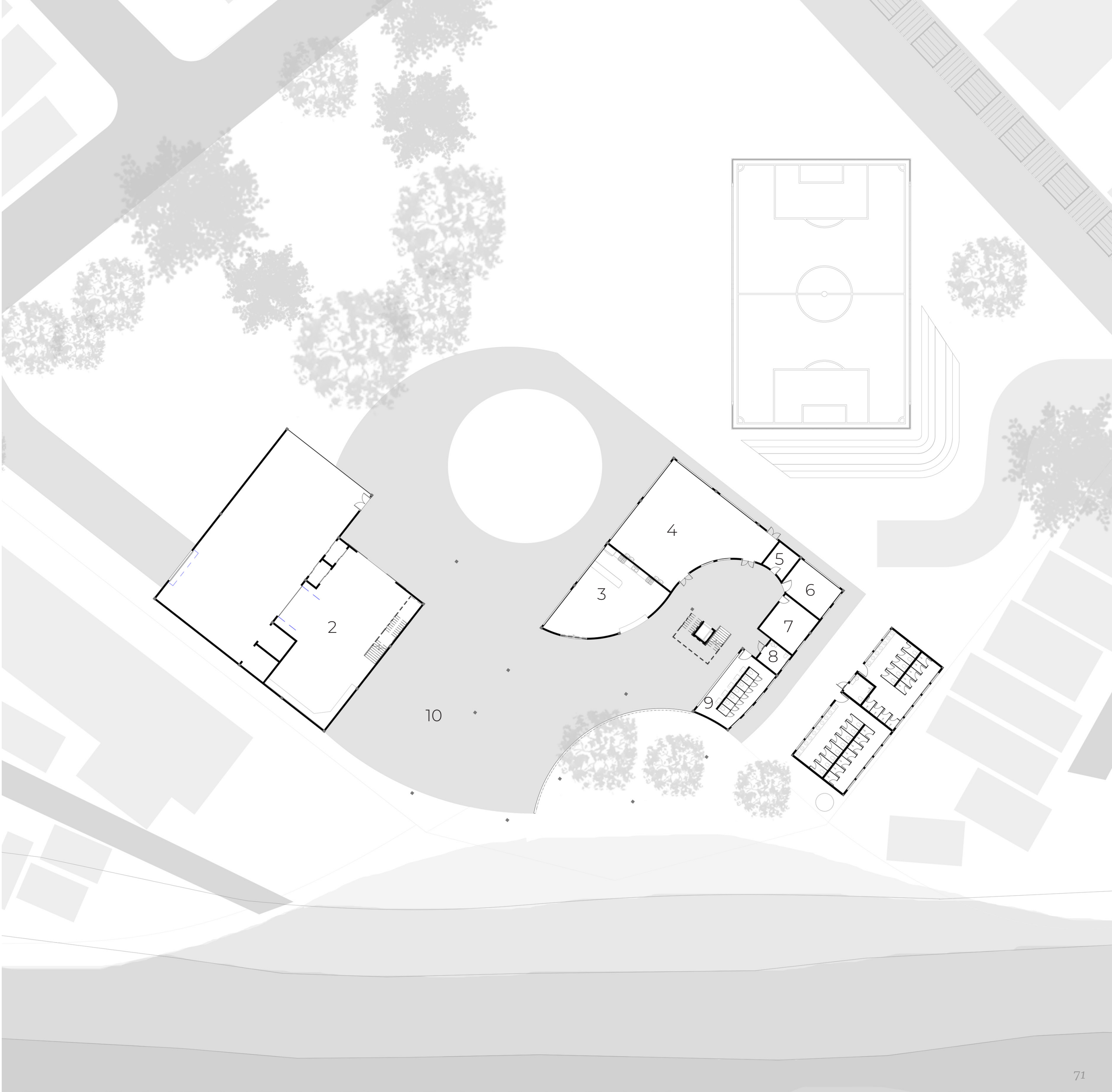


# PROGRAMA - TÉRREO



- 1\_galpão
- 2\_laboratório de construção
- 3\_copa
- 4\_espço criança
- 5\_depósito de limpeza
- 6\_sala administrativa
- 7\_armazenamento
- 8\_sanitário PCD
- 9\_sanitários
- 10\_pátio central

A distribuição de espaços foi feita pensando, para além da funcionalidade (como o galpão construtivo próximo a um acesso à rua), visando a permeabilidade dos espaços e a manutenção do caráter do terreno. O pátio central é feito como um espaço totalmente aberto dentro do prédio, que trazendo esse efeito não somente com a praça, mas também com a densa vegetação que se inicia no final da parte posterior do terreno. A intenção do pátio é de ser um espaço central dentro do prédio, lugar de encontros e convívio, multifuncional, mas principalmente, abrigar eventos maiores. Com eixo de visão alinhado ao centro da praça, sua forma visa instigar e chamar para dentro. As aberturas da fachada são extensas, a fim de permitir a visão entre interior e exterior. Os espaços internos também foram pensados de forma a favorecer o locais de encontro com espaço e conforto.





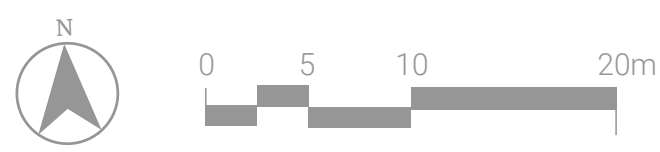








# PROGRAMA - PAV. SUPERIOR

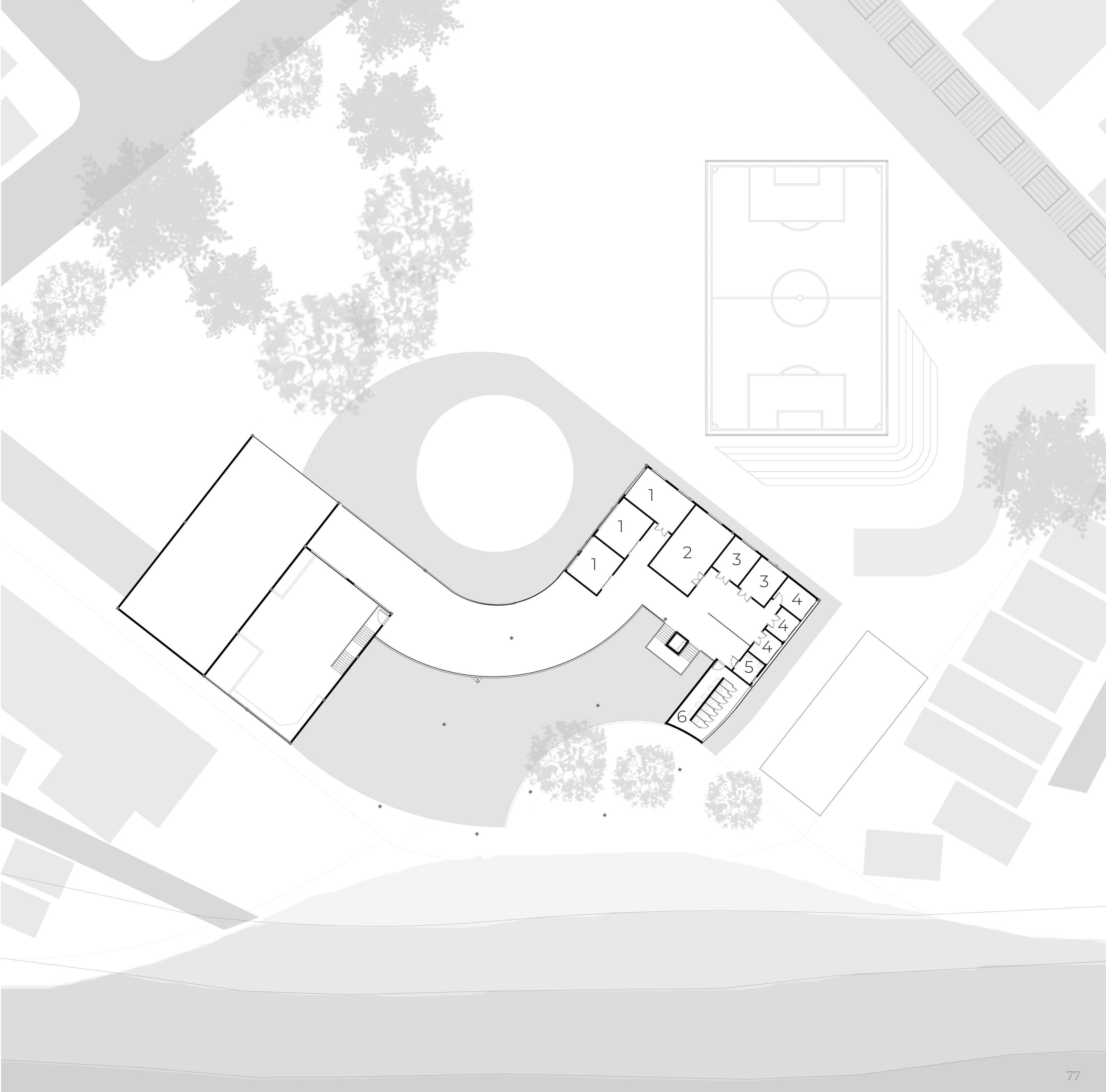


- 1\_salas teóricas
- 2\_sala de apoio
- 3\_salas de psicóloga
- 4\_salas de introspecção
- 5\_sanitário PCD
- 6\_sanitários

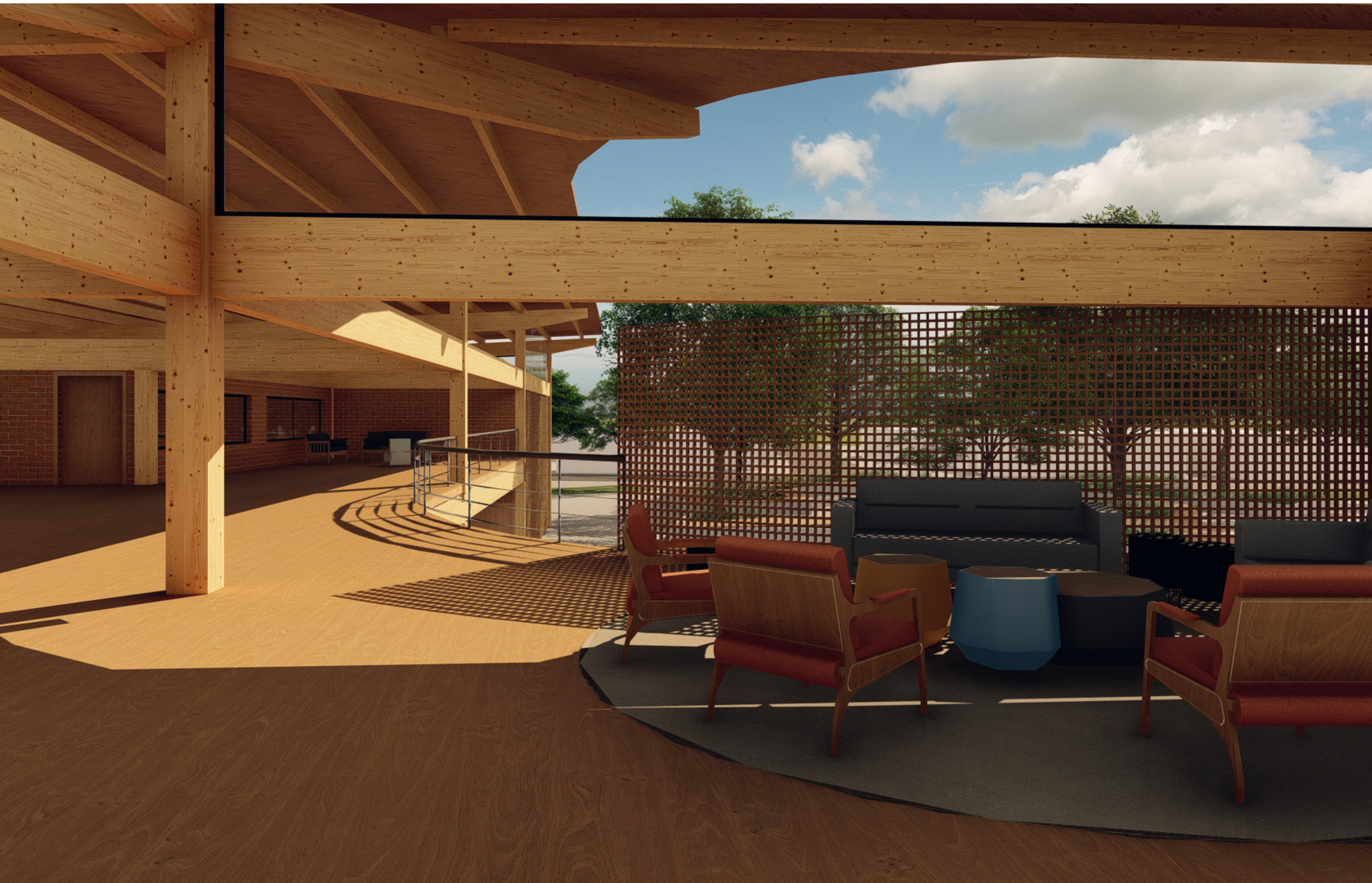
O segundo pavimento tem como elemento principal a passarela que atravessa o prédio. Além de ligar o laboratório de construção diretamente ao pavimento superior, ela possibilita visão para a praça e para o pátio central. Não só passagem, a passarela é também contemplação, assim como mais um elemento que permite integração visual.

Como o pavimento mescla dois usos distintos (espaço teórico e espaço bem-estar), a fim de não interferir, optou-se por separar em dois setores, de forma que as salas teóricas estão voltadas para praça, aproveitando iluminação e permitindo troca visual, enquanto as salas de instrospecção estão voltadas para a fachada posterior, mais silenciosa.

Como uma divisão visual, foi alocado um painel de cobogó assim como os presentes na fachada, mantendo também a unidade visual do prédio.











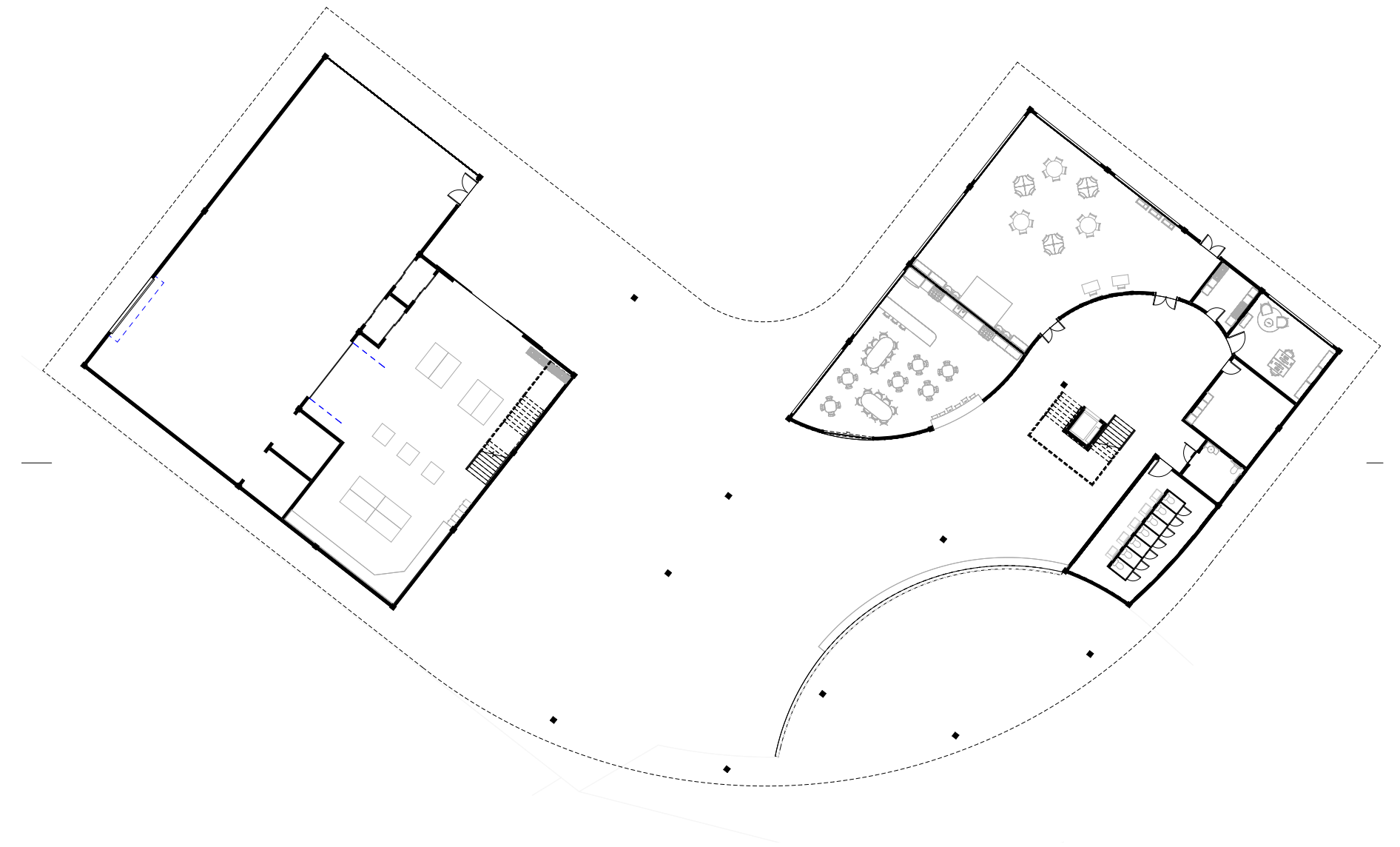
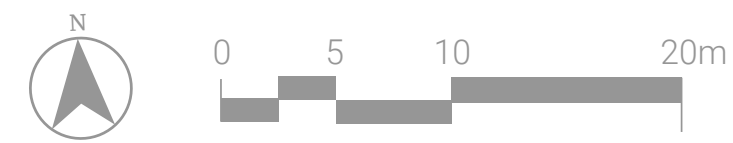




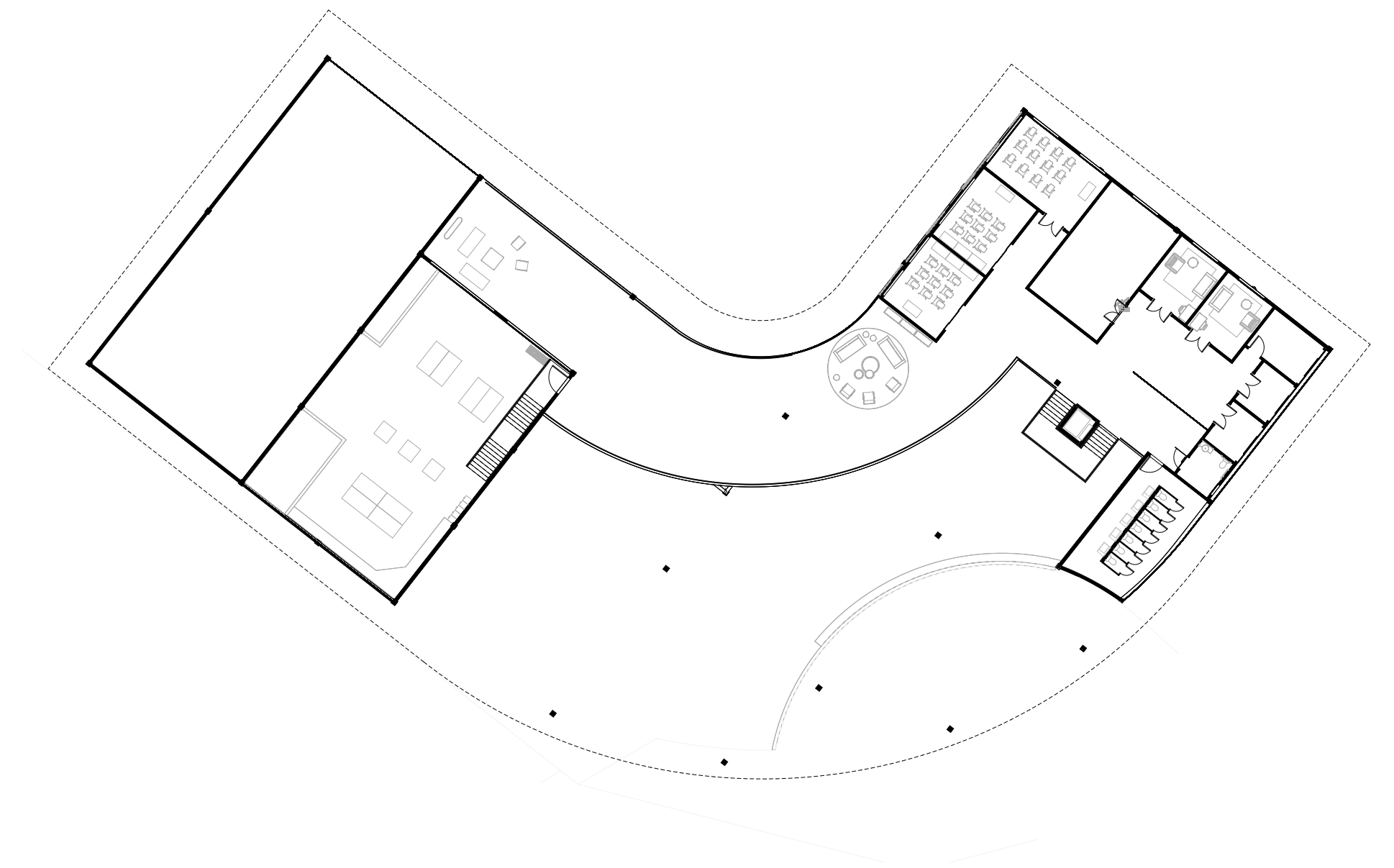




# PLANTA DE LAYOUT - TÉRREO



# PLANTA DE LAYOUT - PV. SUPERIOR



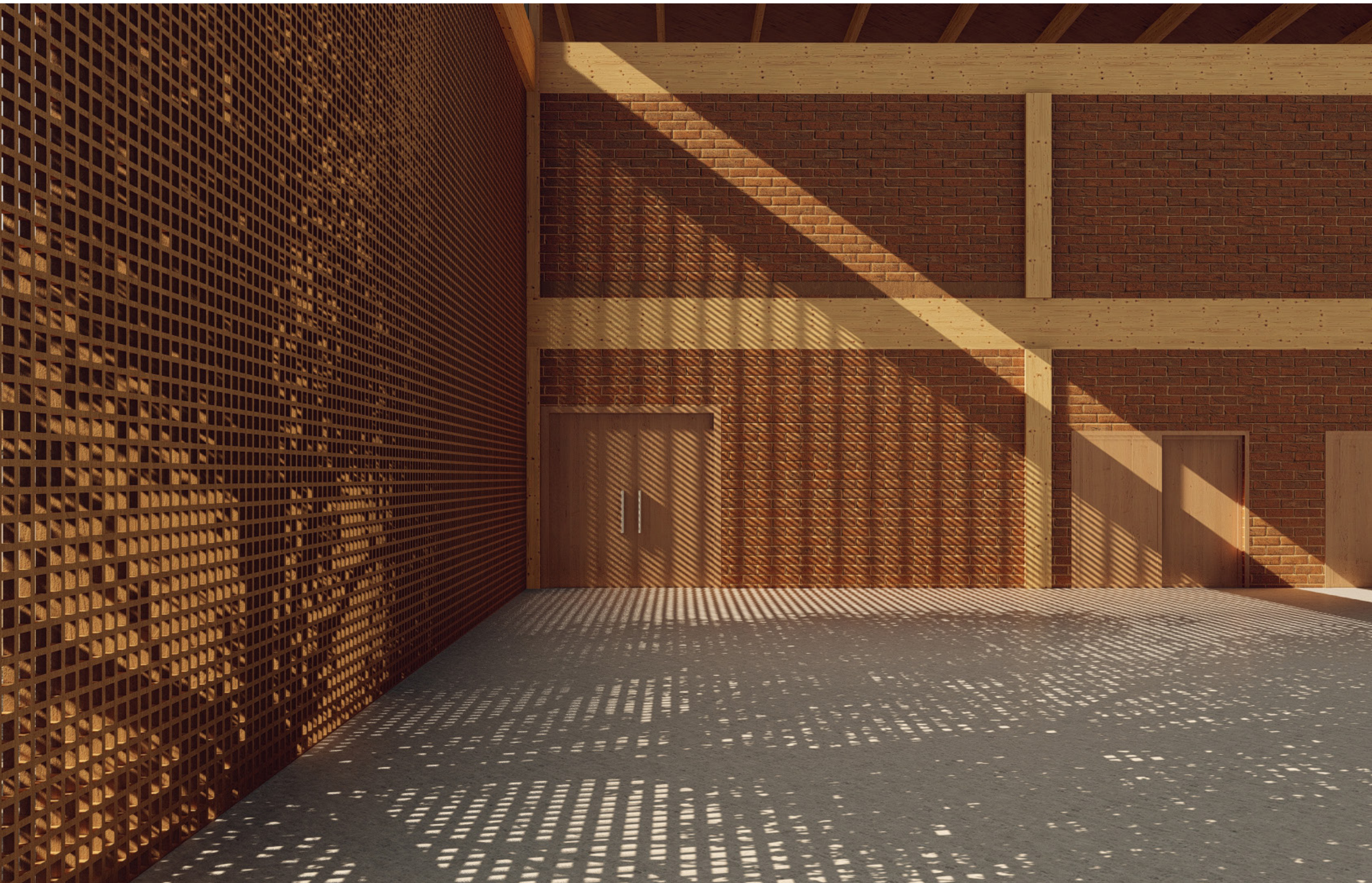






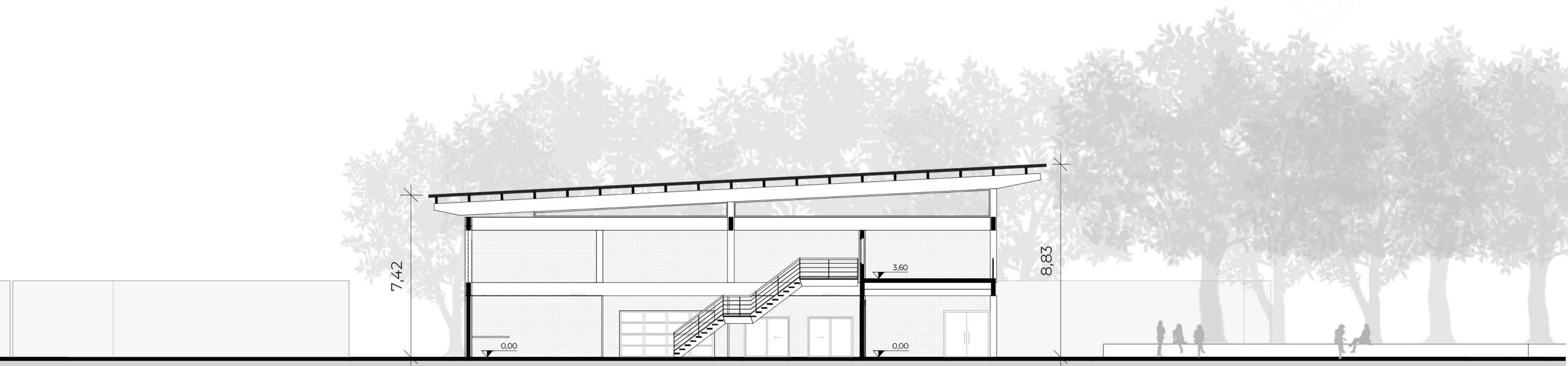






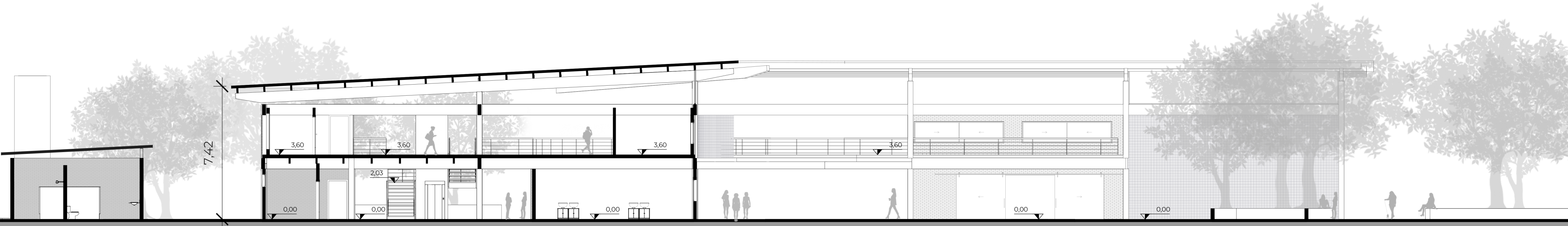


CORTE A



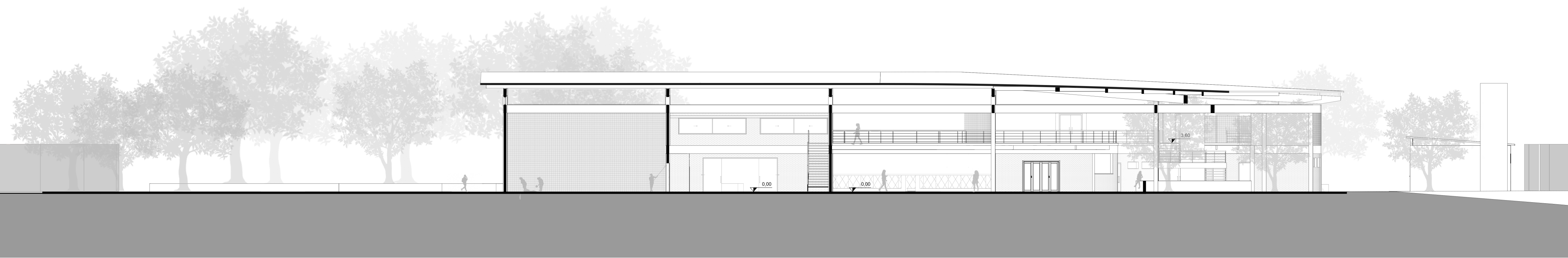


CORTE B

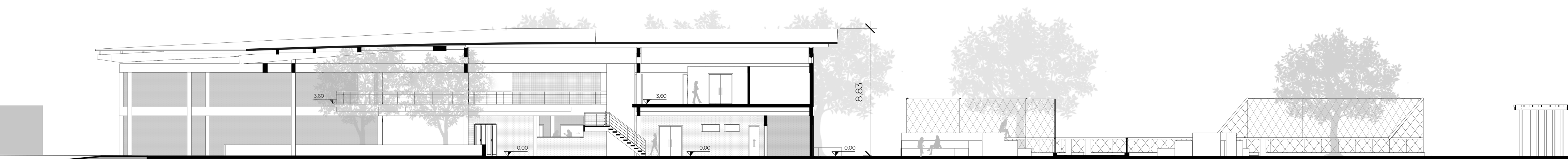




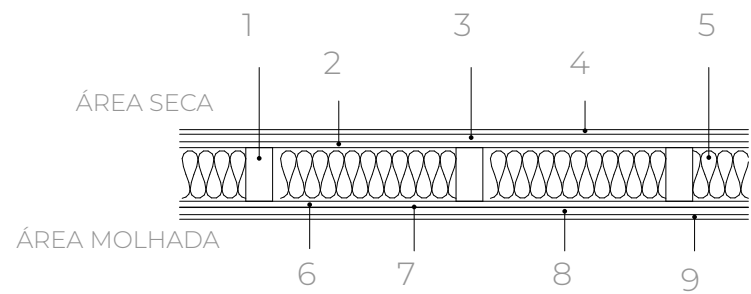
CORTE C



CORTE D

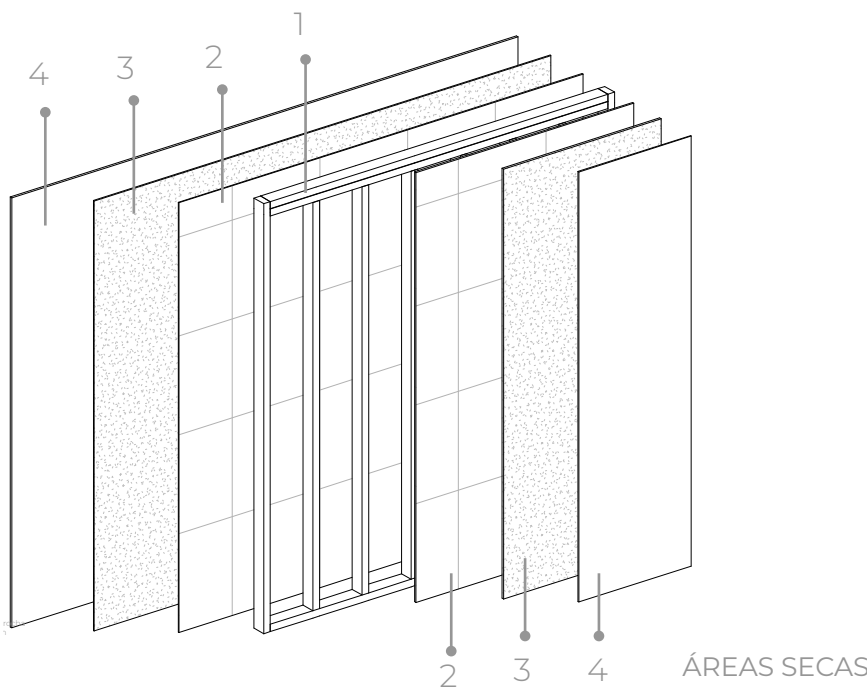




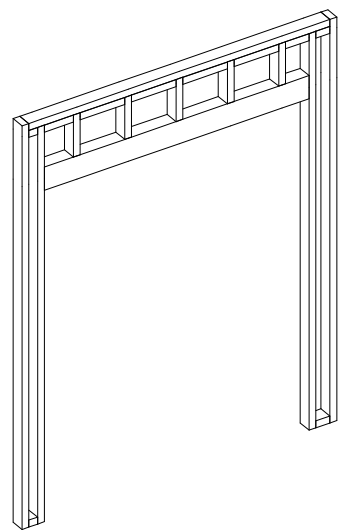


- 1\_ Montante vertical de madeira - 45x90mm
- 2\_ Placa OSB - 9,5mm
- 3\_ Placa de gesso - 12,5mm
- 4\_ Revestimento em placa de madeira
- 5\_ Lã de rocha - 90mm
- 6\_ Placa OSB - 9,5mm
- 7\_ Membrana hidrófuga - 0,8mm
- 8\_ Placa cimentícia - 12mm
- 9\_ Revestimento em azulejo

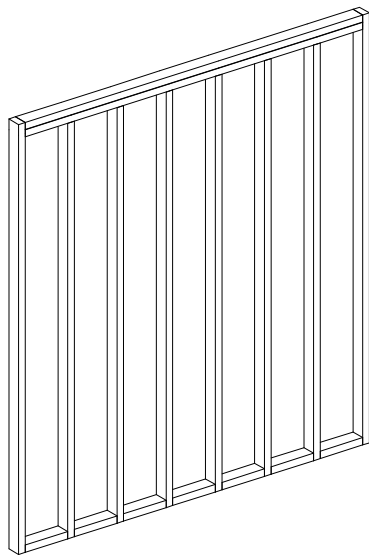
D1 - PLANTA CAMADAS DA PAREDE



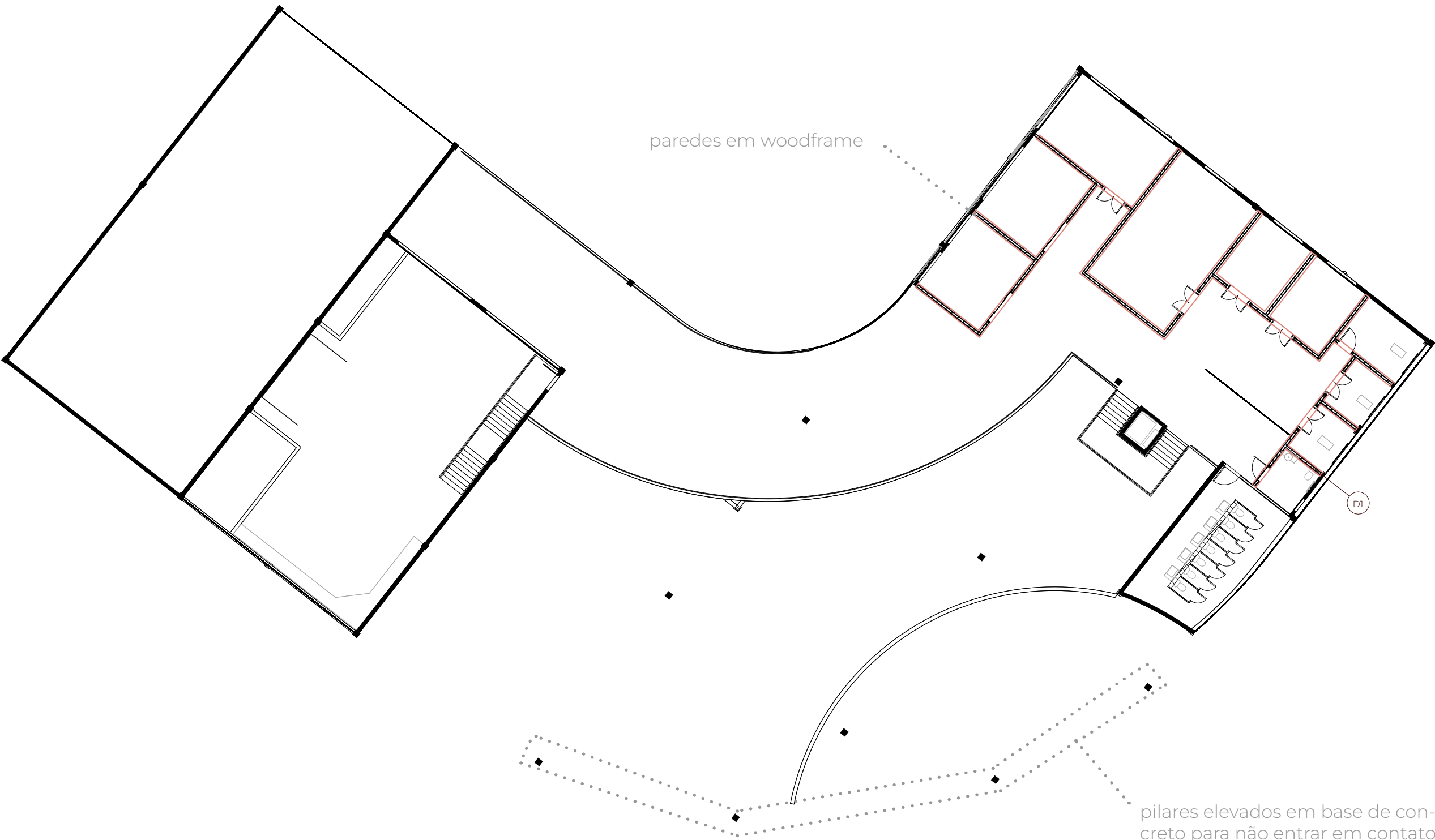
CAMADAS PAREDE DE WOODFRAME



OSSATURA DA PAREDE - COM PORTA



OSSATURA DA PAREDE - SEM PORTA

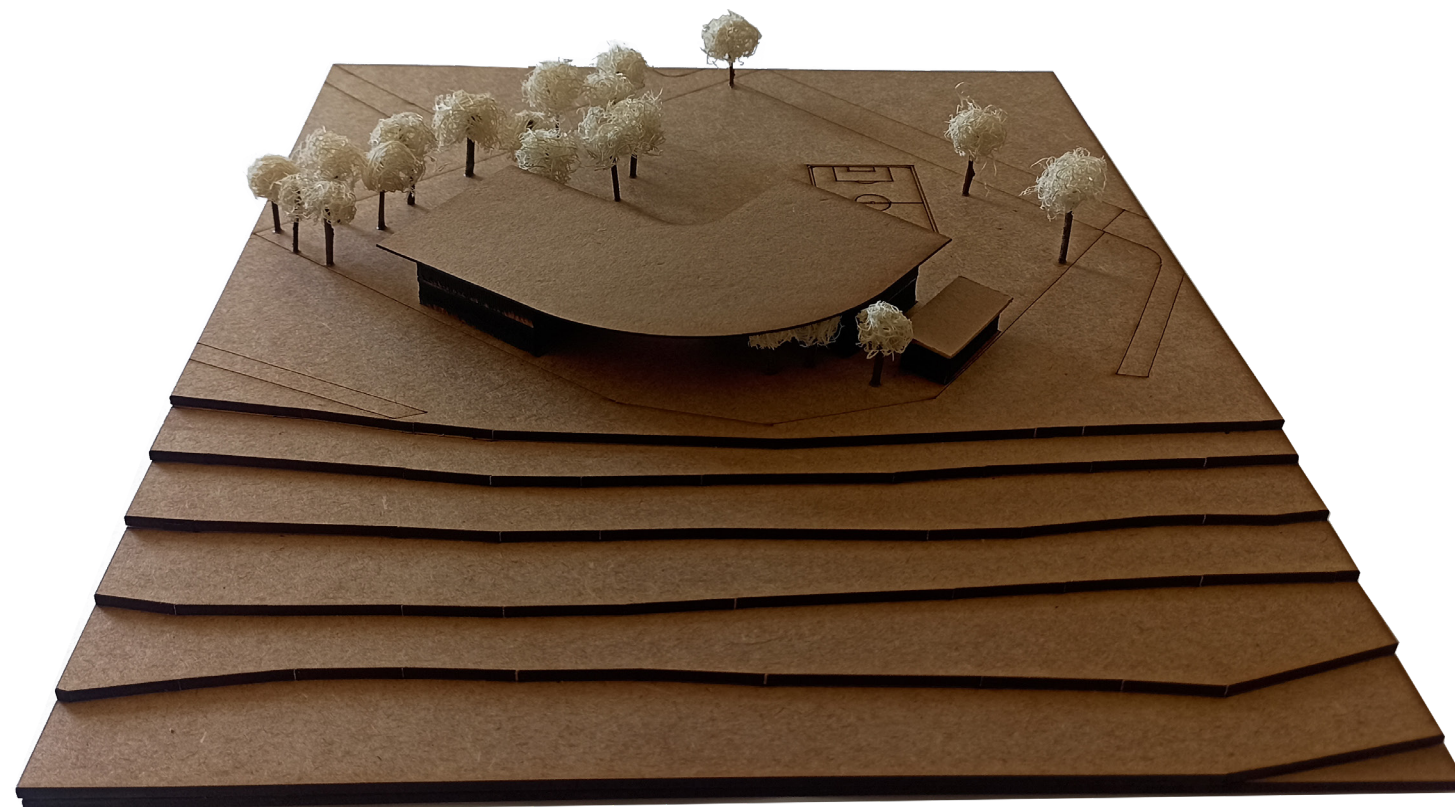
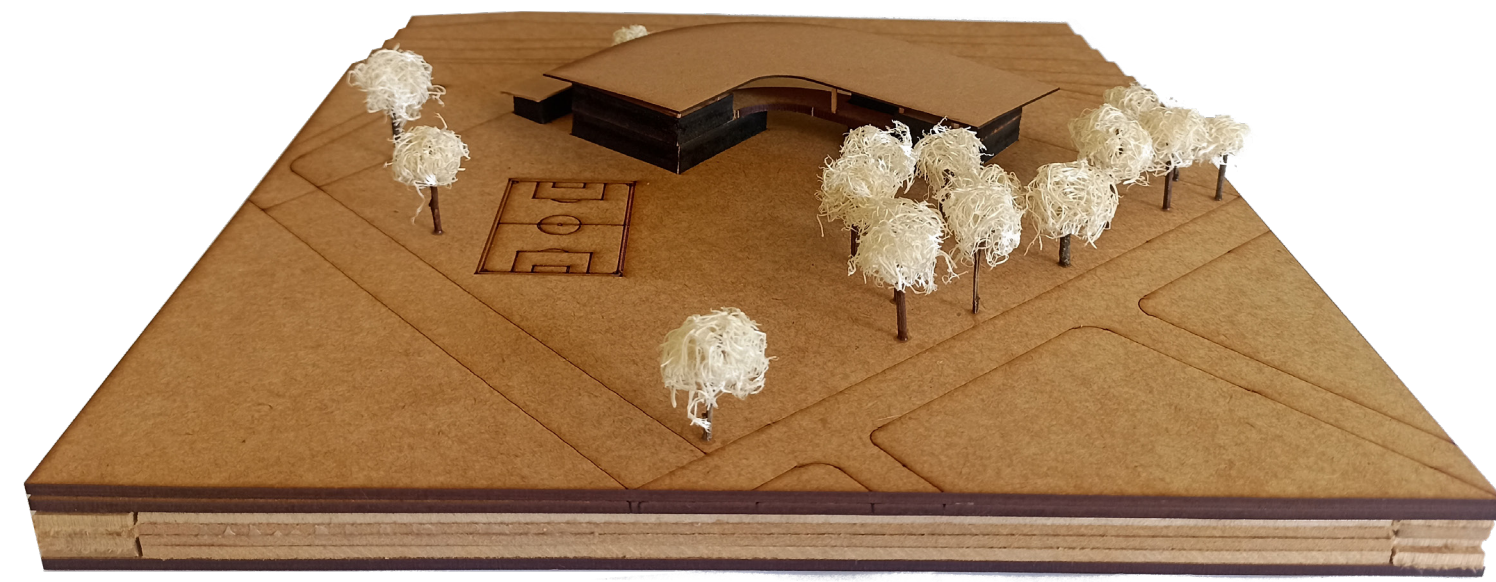


PLANTA SEGUNDO PAVIMENTO



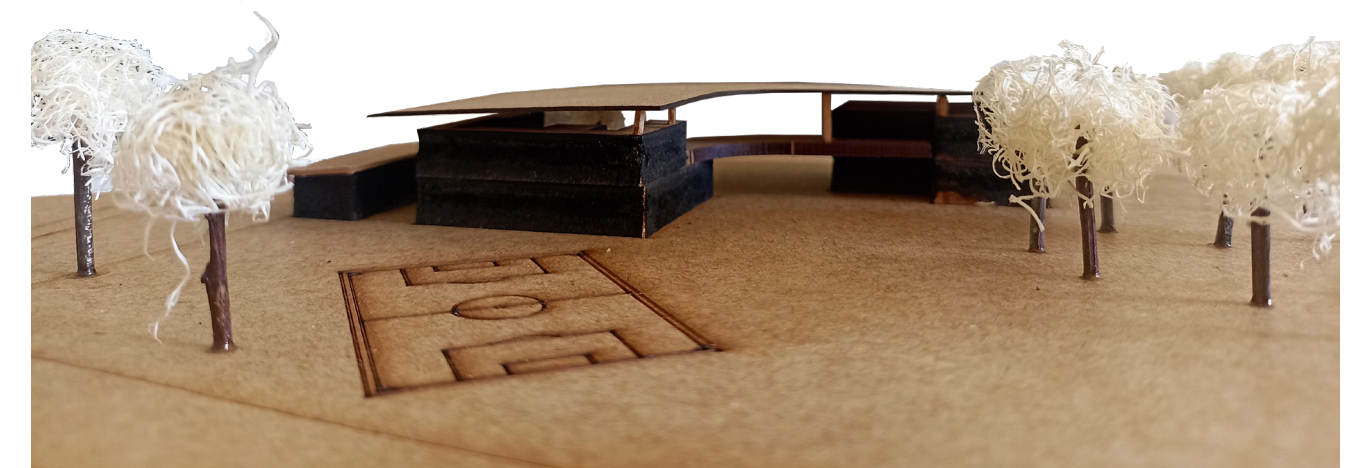
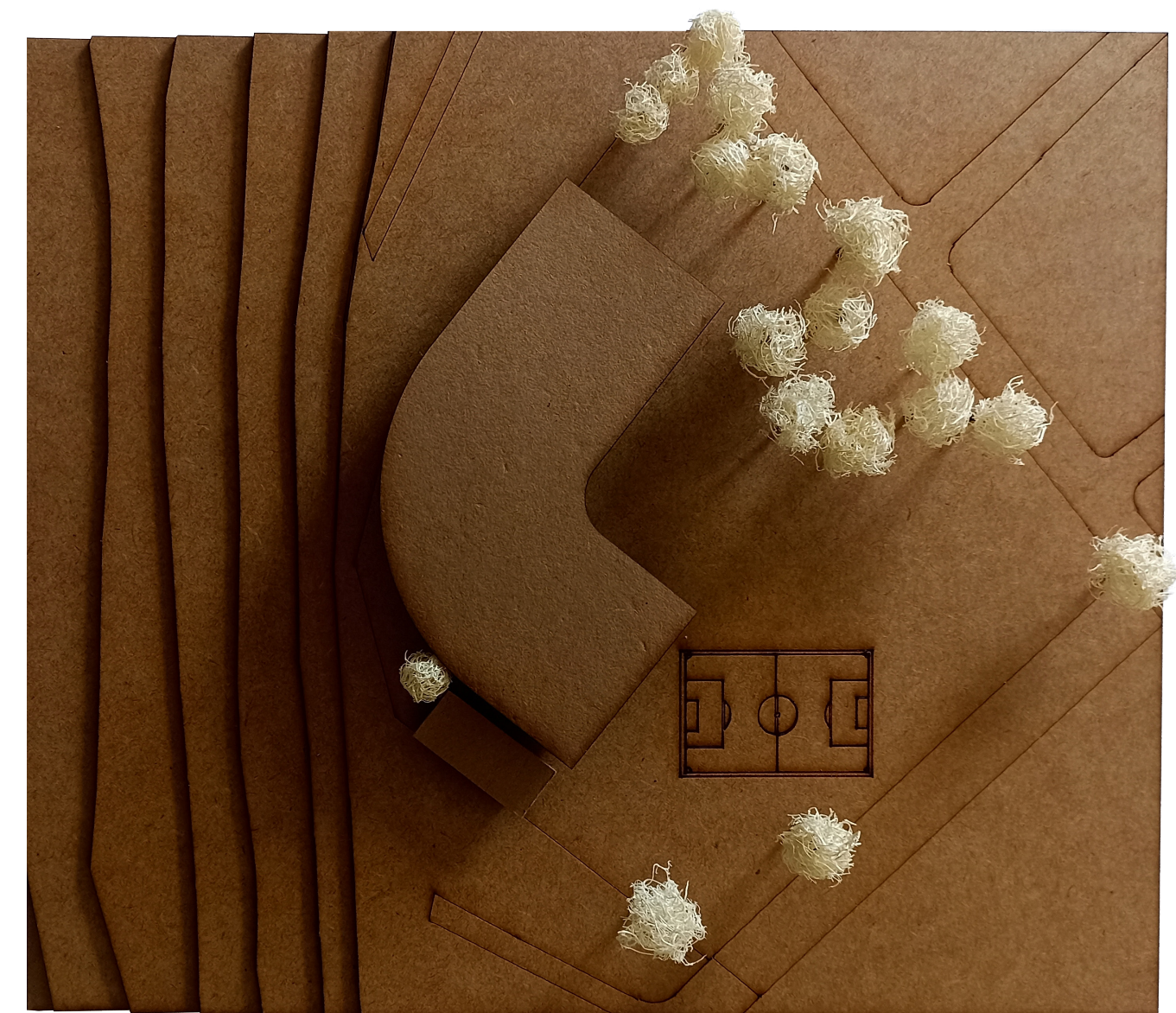
*maquete.*





A maquete, feita em 1:500, tinha como objetivo mostrar a volumetria da construção e como ela se relacionava com a praça, evidenciando a permeabilidade que buscou-se no projeto.

As imagens foram capturadas voltando a maquete para a sua orientação adequada, de forma que, a partir dela, também é possível perceber o papel da vegetação no controle da insolação no prédio no período da tarde, como um complemento ao controle já possibilitado pelos cobogós fixos e painéis deslizantes.





*bibliografia.*



ARQUITETURA NA PERIFERIA. Título do site. Disponível em: \<<https://arquiteturanaperiferia.org.br/>>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BORGES, Luciana Suckow. Mapa da Pobreza Urbana em São José dos Campos/SP. Universidade do Vale do Paraíba. Biblioteca. Disponível em: \<<https://biblioteca.univap.br/dados/0000000/00000067.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CORTES, Laura Ferreira; LANDERDAHL, Maria Celeste; VIEIRA, Letícia Becker; PADOIN, Stela Maris de Mello. PROCESSO DE EMPODERAMENTO FEMININO MEDIADO PELA QUALIFICAÇÃO PARA O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL. SciELO Brasil. Enfermagem Atual. Disponível em: \<<https://www.scielo.br/j/ean/a/hR8NSq8qw5V7Ht78CytggYg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

FERREIRA, Renata Lisboa; GOMES, Karina Maine; MACHADO, Letícia Leite de Souza; FORTI, Marina Cyrino; SILVA, Fabiana Felix do Amaral e. O DEBATE DO ESPAÇO PÚBLICO NAS PERIFERIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE CARTOGRAFIA SOCIAL COM AS CRIANÇAS DO RIO COMPRIDO - SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP). In: Universidade do Vale do Paraíba. Anais do INIC 2023. Disponível em: \<[https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2023/anais/arquivos/RE\\_0999\\_1051\\_01.pdf](https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2023/anais/arquivos/RE_0999_1051_01.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama - São José dos Campos. Disponível em: \<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-dos-campos/panorama>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

LISBOA, Talita Santos de Oliveira; YANNOULAS, Silvia Cristina. QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE MULHERES PARA A INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL: ENTRE O ENFRENTAMENTO E A REPRODUÇÃO DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO. Revista Latino-Americana de Estudos em Educação. Universidade de Brasília. Disponível em: \<[http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/31223/1/CAPITULO\\_QualificacaoProfissionalMulheres.pdf](http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/31223/1/CAPITULO_QualificacaoProfissionalMulheres.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Observatório 2030. Luisa Rabioglio, Cotrim Marilane Oliveira Teixeira, Marcelo Weishaupt Protti. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. Disponível em: \<<https://observatorio2030.com.br/wp-content/uploads/2022/03/Desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho-formal-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Reschilian, Paulo Romano; Silva, Fabiana Félix do Amaral; Maciel, Lidianne Maria. DINÂMICAS SOCIOTERRITORIAIS URBANAS EM ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS: um estudo de caso - São José dos Campos – SP. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/354440660\\_DINAMICAS\\_SOCIOTERRITORIAIS\\_URBANAS\\_EM\\_ASSENTAMENTOS\\_PRECARIOS\\_um\\_estudo\\_de\\_caso\\_-\\_Sao\\_Jose\\_dos\\_Camp](https://www.researchgate.net/publication/354440660_DINAMICAS_SOCIOTERRITORIAIS_URBANAS_EM_ASSENTAMENTOS_PRECARIOS_um_estudo_de_caso_-_Sao_Jose_dos_Camp)>. Acesso em: 14 abr. 2024

SOUZA-LOBO, Elizabeth. A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência. Editora Brasiliense: São Paulo, 1991.



